



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor-Mor (pág. 1)

A direção espiritual, convite à interioridade — O terremoto da Guatemala — Iniciativas para o Centenário das Missões — Uma palavra sobre nossas vocações.

II. Disposições e normas (não há neste número)

III. Comunicações (pág. 9)

1. Novos Inspetores — 2. Encontro dos Editores Salesianos da Europa — 3. Encontro dos Diretores dos Boletins Salesianos da Europa — 4. Reunião dos Ecônomos Inspetoriais do Extremo Oriente — 5. Publicações sobre Dom Bosco.

IV. O Centenário das Missões Salesianas (pág. 13)

1. Encontro dos Bispos missionários — 2. Semana de espiritualidade missionária — 3. Confiada à Congregação a Prefeitura de Lashi — 4. Solidariedade fraterna.

V. Atividades do Conselho Superior e outras iniciativas de interesse geral (pág. 19)

VI. Documentos (pág. 21)

1. O Reitor-Mor aos Salesianos que trabalham nas Editoras — 2. O Reitor-Mor aos Bispos missionários salesianos.

VII. Dos Noticiários Inspetoriais (pág. 33)

1. Inicativas no campo das vocações — 2. Tradução da Bíblia em língua Kasi — 3. Para os jovens da comunidade chinesa.

VIII. Magistério Pontifício (pág. 36)

1. Aos caríssimos Bispos missionários de Dom Bosco — 2. A Família Missionária Salesiana.

IX. Necrológico — Primeiro elenco para 1976 (pág. 41)

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, abril de 1976.

Irmãos e filhos caríssimos,

desta vez — e por motivos óbvios — escrevo apenas uma “cartinha”: penso, com efeito que a anterior, dada a importância do abundante conteúdo, requer tempo não só para ser lida com particular atenção, mas, diria, para ser meditada e assimilada, tornando-se dessa forma convicção profunda e alimento de vida pessoal.

Dessa idéia me convencem as não poucas cartas que me chegaram referentes ao argumento tratado na referida carta. Seria interessante citar alguns comentários, mas devo ser breve: limito-me, pois, a uma citação apenas.

A direção espiritual, convite à interioridade

Escreveu um irmão: “Motivo desta é a carta que o Sr. escreveu nos últimos Atos do Conselho Superior, sobre a direção espiritual: um convite à interioridade, que a mim pessoalmente fez grande bem, e do qual desejo que muitos irmãos, com a responsabilidade de superiores, ou, como eu, nas fileiras dos “gregários”, possam tirar proveito no sentido de uma autêntica “conversão” não somente à vida sacramental, mas precisamente à “direção”...

Um dos traços que mais me impressionam no P. Cimmatti é a sua constante e diria mesmo “imutável” submissão ao superior, principalmente nas coisas atinentes ao seu espírito. Como superior, numa missão muito complicada e difícil, mantinha-se em constante contato com Turim, primeiramente com o Prefeito Geral e depois com o superior encarregado das Missões. Mas, como irmão, fazia com esse superior (desde o Japão!) o “rendiconto”; e quando deixou de ser superior de toda a obra, continuou a dirigir-se com a mesma confiança filial ao Inspetor, que havia sido seu “co-roinha”; e quando por fim deixou de ser Diretor, não faltava

nunca ao “rendiconto mensal”, que se não podia fazer oralmente punha por escrito: seu último Diretor foi o seu biógrafo, o P. Crevacore. Assim justificava sua atitude: “Porque tenho necessidade de ser dirigido”.

“Também eu tenho necessidade de ser dirigido, amado Pai, e é por isso que lhe envio um cordialíssimo muito obrigado, por tê-lo lembrado a mim e a toda a Congregação. Quero colher todo o fruto de que, na minha crônica “inconstância”, for capaz”.

Confio vivamente que tais sentimentos sejam partilhados, com a mesma convicção, por toda a Congregação.

Fala-se tanto de renovação, até tornar-se um lugar comum, e até, alguma vez, não claro; mas não haverá nunca renovação se não se partir preliminarmente da interior, espiritual e pessoal, e se não se puser em prática. É afirmação constante do Santo Padre e de muitos autorizados documentos, confirmada por Superiores e Capítulos Gerais, e pela experiência destes anos.

Peço a Dom Bosco alcance do Espírito Santo que cada salesiano — sobretudo os que têm responsabilidade sobre os Irmãos — se convença de maneira concreta dessa verdade evidente, dela tirando as conseqüências para a sua vida pessoal e para sua ação pastoral.

O terremoto da Guatemala

Creio que de diversas fontes tivestes conhecimento do desastre acontecido em fevereiro na Guatemala, motivado pelo tremendo movimento telúrico.

Nossos Irmãos e as Filhas de Maria Auxiliadora, permaneceram sãos e salvos, graças a Deus. Algumas casas sofreram danos. Com a mesma prontidão com que agiria Dom Bosco os nossos se organizaram a serviço das populações atingidas pela cruel desgraça. Não vou descrever aqui as muitas iniciativas em que Irmãos, Noviços e Jovens se multiplicaram em obediência a planos bem estudados. De nossa parte, ao passo que ajudamos com diversos meios as casas arruinadas, quisemos enviar uma quantia ao Santo Padre para atender a seu apelo em favor daquelas desafortunadas populações.

Sei que várias Inspetorias e comunidades, por vezes assaz pobres, enviaram, diretamente ou através do Centro, auxílios àquela tão provada Inspetoria.

Agradeço também em nome dos Irmãos da Guatemala a quantos, comovidos ante a desventura de milhares e milhares de pessoas, deram um sinal sensível de caridade cristã e salesiana. É confortador lembrar que a caridade retorna em benefício, especialmente espiritual, de quem dá.

Iniciativas para o Centenário das Missões

Como podereis saber através de nossas numerosas fontes de informação, continuam em ritmo acelerado as numerosíssimas iniciativas para o Centenário das Missões. O que mais conforta é ver a preocupação de servir-se desta excepcional ocasião para fins pastorais. Encontrareis nos Atos uma série de iniciativas que podem servir de exemplo e estímulo; mas nos noticiários inspetoriais se encontram em grande número.

Desejaria aqui sublinhar que — à luz do Centenário — em Roma e na vizinha Frascati foi solenemente lembrado o Card. Cagliero, nosso primeiro grande missionário e filho predileto de Dom Bosco, por ocasião do 50.º aniversário de seu passamento. Exorto-vos a ler alguma biografia, ainda que breve, desse grande modelo de salesianidade e doação missionária: de aí virá por certo renovado e profundo apego a Dom Bosco, a seus ensinamentos e à vocação salesiana.

Uma palavra sobre nossas vocações

Desejo agora dizer-vos uma palavra com relação às nossas vocações, partindo das estatísticas dos noviços no ano 1975-1976.

São ao todo cerca de quatrocentos: trata-se de um número sensivelmente distante do ideal, e de mais a mais, como podeis compreender, com noviços distribuídos de maneira diversa. Devo dizer com franqueza — ainda que penalizado — que ao lado de Inspetorias prósperas em boas vocações encontramos outras que não têm absolutamente nenhum no-

viço. Verdade é que para alguma Inspetoria tal ausência se deve ao fato de que a entrada no noviciado se retarda pelo prolongamento do currículo dos estudos, mas para várias outras tal motivo não existe. É verdade também que um bom grupo de Inspetorias após uma forte crise, acham-se agora em fase de evidente e confortante recuperação com bom grupo de noviços.

Algumas constatações

Sobre estes argumentos de vital importância e interesse parece-me muito útil pôr em relevo algumas constatações que nos levam a reflexões sobre as quais convido todos a meditar, Superiores de cada Inspetoria e de cada comunidade, os Irmãos todos, seja qual for a ocupação que desempenhem.

a) Uma coincidência que se encontra como constante: não há noviços onde o aspirantado — de qualquer forma — desapareceu de todo, ou foi mal orientado, tanto no método ou clima quanto na seleção dos indivíduos ou do pessoal que nele trabalha; mesmo a falta de um sério postulado é seguida da carência de noviços.

b) Muitos elementos nos aspirantados e nos postulados, e, portanto, no noviciado, provêm de nossas obras.

c) Não poucas Inspetorias já têm um bom número de vocações provenientes dos nossos movimentos juvenis: trata-se de jovens beirando os vinte anos, normalmente providos de diplomas de estudos superiores, ou mesmo de jovens já estabelecidos na sociedade.

d) O índice de perseverança dos candidatos provenientes de nossas obras e associações é em geral superior ao do passado.

Algumas considerações

Sobre essas constatações, que não pretendem corresponder de maneira absoluta a cada realidade, mas dela contém boa porção, procuremos fazer alguma breve consideração.

1. *Nada adianta lamuriar-se.* Devemos persuadir-nos de que podemos ter vocações “se as soubermos merecer”. É preciso refletir seriamente sobre este fenômeno: em determinadas regiões que se mostram estéreis para nós, apesar de nossa presença mesmo com grandes obras, outras Congregações têm vocações e por vezes até em bom número. Não é o caso de nos perguntarmos com seriedade e coragem: por quê? Concordamos em que não existem respostas-receitas, e que as situações em tantos aspectos são diversas; há, todavia, alguns pontos que nos ajudam a dar-nos resposta da qual devemos tirar as devidas conclusões.

2. As vocações estão muito ligadas à *imagem* e à realidade *que apresentam as diversas comunidades*, as quais, cumpre lembrá-lo, compõem-se de diversas pessoas. Pois bem, os jovens são particularmente sensíveis a certos aspectos da nossa vocação, tal como é vivida por cada um de nós. Cito alguns.

3. *A nossa coerência.* Isto é, se vivemos o que dizemos que somos; em outras palavras, se demonstramos na nossa vida cotidiana aquele sentido sobrenatural que só ele motiva a nossa vocação, que transparece em tantos elementos (conversas, nossa oração, nossa catequese, nossa liturgia, nosso modo de agir, nosso carinho para com os jovens...), e dá sentido e tonalidade a toda a nossa vocação e missão.

4. De uma forma da nossa coerência são os jovens de modo especial exigentes: *a nossa pobreza*, tanto pessoal quanto comunitária. Pobreza que se torna austeridade no teor e nível de vida, bem distante de qualquer forma de burguesismo que se infiltra e manifesta de tantas maneiras e em tantos momentos, da mesa ao ritmo e ao estilo de trabalho, do vestuário ao divertimento e às férias. De uma coisa devemos persuadir-nos: o jovem é atraído por uma vida inspirada na generosidade, que se torna austeridade revestida de alegria, trabalho generoso, alergia a um estilo de vida que se permite todo conforto, comodidade, satisfação de quem goza a vida.

5. O jovem percebe com facilidade se floresce entre nós *a caridade*, se nos queremos bem concretamente, se somos solidários: é um elemento que aparece e, se vigorosamente ativo, atrai; em caso contrário afasta e sufoca possíveis vocações. A experiência nos diz quão grande influência tem

sobre o jovem a presença na comunidade dessa virtude que se evidencia nos modos mais diversos e — freqüentes vezes — inconscientes.

6. *A alegria*, a satisfação de sermos o que somos, do trabalho em que estamos empenhados, do ambiente em que agimos, numa palavra a satisfação de sermos salesianos, é de per si um convite ao jovem que a certo ponto da vida vai à procura de algo que o satisfaça e lhe proporcione a serenidade a que, mesmo inconscientemente, aspira.

7. Outro elemento que incide muito na formação cristã dos jovens, e mais especificamente no desabrochar de uma eventual vocação, é o *contato pessoal*, a conversação amiga e construtiva com o jovem. Percebe-se infelizmente que esse contato — de grande importância — é muitas vezes descuidado. É um grande empobrecimento salesiano, um afastamento de Dom Bosco, e — talvez — uma explicação da ausência de vocações. Sei que motivos vários levam a uma ação massificada, também pastoral. Mas devemos perguntar se tais motivos se justificam; e, em todo o caso, se não se podem eliminar ou modificar as causas desse afastamento pessoal do salesiano, assim no plano pastoral como no espiritual e — acrescentaria — vocacional.

8. *Falar de Dom Bosco e da Congregação*. É falar com amor de filhos. É claro que faremos amar a Congregação na medida em que mais e melhor a fizermos conhecer, saindo dos estreitos limites da própria casa e Inspeção. O panorama da Congregação viva — e o é em muitas partes do mundo —, a visão missionária da nossa Sociedade, interessa muito os jovens. Não se diga que é cair no triunfalismo. Isso aconteceria no caso de uma forma hipertrófica e propositalmente falsa de apresentar homens e coisas; mas documentar, fazer conhecer a realidade e o bem que há e que se faz na Congregação, nada tem a ver com o triunfalismo. Justamente nestes anos recebo notícias de grupos numerosos de jovens que se sentem atraídos e entusiasmados pelo conhecimento de Dom Bosco e da Congregação. Trata-se de agir com inteligência, mas sobretudo movidos pelo amor.

9. Por fim, não quero dizer com isso que se trata de coisa de menor importância, o jovem tem necessidade e direito de que *se lhe apresente o problema vocacional*. É óbvio

que essa apresentação supõe o conhecimento e relacionamento pessoal de que falei. Não só, mas supõe ainda o estudo para ver o momento e a maneira mais oportuna para entabular uma conversa vocacional. O momento da catequese é o que oferece melhor oportunidade para essa conversa. A discussão vocacional é essencial ao tema catequético.

10. Não falei da *oração*... vocacional, mas de tudo quanto foi dito evidencia-se que a estratégia das vocações não se realiza eficazmente sem o apoio e o entusiasmo que só pode vir da oração. Sem ela seria baldado todo o trabalho vocacional: seria como tentar fazer viver um corpo sem alma.

Falar não basta...

Caríssimos, nestes anos muito se fala, escreve e discute sobre o problema vocacional, mas não desejaria que nos tivéssemos com certa facilidade neste ponto, pagos e satisfeitos pelo só fato de falar. É necessário agir, e agir em primeira pessoa, segundo o próprio papel, convencidos de que cada um de nós potencialmente é um suscitador ou então um sufocador de vocações.

Queira Deus que, malgrado as muitas e inegáveis dificuldades, com nossas palavras e mais ainda com nossa obra e com nossa vida, unindo todas as forças voltadas para uma meta comum, e empregando os mesmos meios e modos válidos, possamos ter a alegria de ver uma juventude em flor trazer sangue novo às comunidades que dele sentem viva e urgente necessidade.

Cumprimento-vos com afeto e convido-vos a lembrar-vos sempre de mim e dos Superiores do Conselho. Retribuo com fraterna cordialidade vossa oração.

P. LUÍS RÍCCERI
Reitor-Mor

P. S. Importante! No Centenário das Missões passaram de cem os irmãos que pediram para ir para as missões. Mais de oitenta puderam realizar seu sonho generoso. *Muito contente ficarei com receber também este ano pedidos para as missões.* Alguns já chegaram.

Somente no caso de graves motivos pessoais ou de interesse geral os pedidos não poderão ser atendidos. Senão, serão com muito gosto tomados em consideração.

O espírito missionário, que o Centenário despertou em muitos corações e comunidades, é caminho seguro e eficaz de verdadeira renovação para a Congregação. Cultivemo-lo também com o empenho e oferecimento pessoal: a necessidade de braços válidos nas missões é sempre grave e urgente.

III. COMUNICAÇÕES

1. Novos Inspetores

Pelo Reitor-Mor foram nomeados Inspetores o P. Walter Bini, para a Inspeção de Campo Grande (Brasil); o P. Antônio Possamai, para a Inspeção de Recife (Brasil); o P. Jorge Casanova, para a Inspeção de Buenos Aires (Argentina); o P. Jorge Nieto, para a Inspeção de Medellín (Colômbia).

2. Encontro dos editores salesianos da Europa

De 7 a 10 de janeiro deste ano, reuniram-se na Casa Geral os Editores da Europa e dos Estados Unidos para refletir sobre seu apostolado específico e descobrir linhas comuns de ação e colaboração. A reunião foi promovida pelo P. Raineri, Conselheiro para a Pastoral dos Adultos. Os diretores das Editoras meditaram, à luz do pensamento de Dom Bosco, sobre o papel insubstituível das Editoras na missão salesiana, e, descendo à prática confrontaram as diversas programações, examinaram a possibilidade de co-edições, estudaram as possibilidades oferecidas por um setor em vertiginosa expansão: os audio-visuais. Participaram também dos últimos dias do encontro os responsáveis pelas livrarias da Itália, cujo trabalho e problemas se relacionam logicamente com os das Editoras.

O Reitor-Mor orientou o encontro com uma palestra, que por seu interesse é reproduzida entre os documentos deste fascículo (pág. 21).

3. Encontro dos Diretores dos Boletins Salesianos da Europa

Dias 14 e 15 de fevereiro de 1976, reuniram-se na Casa Geral os Diretores dos Boletins Salesianos da Europa. Estiveram presentes os Diretores dos BS da França, Alemanha, Grã-Bretanha, Irlanda, Itália, Iugoslávia (Croácia e Eslovênia), Lituânia, Holanda, Espanha: Portugal estava representado pelo seu P. Inspetor; estiveram representadas também Malta e Polônia, que editam publicações afins ao BS.

Aberto pelo Reitor-Mor e presidido pelo Conselheiro P. Raineri, o encontro promoveu no primeiro dia amplo debate sobre dois documen-

tos de base, e no segundo dia discutiu vários aspectos teóricos e práticos dessa realidade salesiana que Dom Bosco chamou de “o jornal da Congregação” e que o CGE definiu “publicação oficial para a Família Salesiana” (art. 32 dos Regulamentos).

Encontra-se em preparação uma edição mimeografada com os dados e documentos do encontro (palavras do Reitor-Mor, relatórios, intervenções mais significativas, encerramento pelo P. Raineri).

4. Reunião dos Ecônomos Inspetoriais do Extremo Oriente

Nos dias 7-9 realizou-se em Hong Kong a “Reunião dos Ecônomos Inspetoriais do Extremo Oriente”. Organizada pelo Economato Geral de acordo com o Conselheiro Regional P. Williams, contou com a presença dos Ecônomos Inspetoriais do Japão, Austrália, Coréia, Filipinas, Hong Kong, Tailândia e Índia.

A tarde do dia 7 abriu-se com um tempo de reflexão religioso-espiritual. O P. Pilla deu em seguida início aos trabalhos dos dois dias seguintes, desenvolvendo os temas: “A espiritualidade do Ecônomo religioso salesiano”, e “Os deveres morais do Ecônomo Inspetorial”. Outros irmãos introduziram com relatórios o estudo de temas específicos, que tratavam o conteúdo dos arts. 195, 196 e 197 das Constituições, e 174, 180 e 183-187 dos Regulamentos. Em concreto foram examinadas as relações do Ecônomo Inspetorial com o Ecônomo Geral, o Inspetor, o seu Conselho, as Casas; falou-se da eventual providência social para os irmãos; colocou-se o problema da conveniência ou não de centralizar em nível inspetorial a contabilidade das Casas etc.

Surgiu mais bem definida — também em seus aspectos espirituais — a figura do Ecônomo Inspetorial, que o P. Pilla apresentou como animado de grande fé na Providência, de espírito de serviço e sacrifício, de solicitude pronta, fiel e vigilante, e como exemplar na prática do que deve exigir dos outros.

5. Publicações sobre Dom Bosco

Merecem destaque duas publicações referentes aos escritos de Dom Bosco, que estão vindo à luz nestes dias.

GIOVANNI BOSCO, SCRITTI SPIRITUALI, do P. Joseph Aubry. Città Nuova editrice, 1976. Dois volumes inseparáveis. Págs. 260 + 356, 5500 liras.

Abre a sugestiva antologia de trechos de Dom Bosco um estudo introdutório sintetizado nas duas primeiras linhas: “Será Dom Bosco um escritor espiritual? Certamente não. Um mestre de espírito? Certamente sim”. Segue-se ampla seleção de textos (230 trechos), organizados conforme um itinerário claro e persuasivo.

Os dois volumes constituem uma rica síntese, útil para um aprofundamento pessoal; prestam-se ainda para a leitura espiritual.

GIOVANNI BOSCO, OPERE EDITE. Reimpressão anastática a cargo do “Centro Studi Don Bosco” dell’Università Pontificia Salesiana. Libreria Ateneo Salesiano editrice. 1976-1977.

— *Introdução*: “Gli scritti a stampa di San Giovanni Bosco”, aos cuidados de Pietro Stella.

— *Primeira série*: “Libri e opuscoli”, em 37 volumes.

— *Segunda e terceira série*: “Circolari, programmi, appelli, ecc.”, e “Articoli del Bollettino Salesiano”, em 4 volumes.

Os Atos do Conselho já se referiram rapidamente a esse notável empreendimento editorial e cultural (n. 280, pág. 11), mas voltam a falar novamente e a recomendá-lo por ocasião da saída dos primeiros volumes.

Esta “edição anastática” é resultado de vinte anos de trabalho científico. Foi mister estabelecer a paternidade de numerosos textos anônimos; tornou-se necessário pesquisar pacientemente os escritos de Dom Bosco em outros autores, em jornais e revistas de vários gêneros: foi difícil muitas vezes encontrar as primeiras edições, que se tornaram raríssimas. Agora, porém, é possível apresentar à Família Salesiana e aos estudiosos de todo o mundo vastíssima e invejável documentação sobre o pensamento e a obra de Dom Bosco.

Além da publicação em curso das “Opere edite”, o “Centro Studi” da UPS programou, para os anos seguintes, a publicação das “Opere inedite” (cartas, manuscritos).

O tamanho enorme desse empreendimento (para mais de quarenta volumes de “Opere edite”), não surpreende por certo quem conhece Dom Bosco. Sabemos que toda essa grandíssima produção literária (um dos aspectos apenas do seu dinamismo apostólico) fazia parte de seu projeto: “a salvação dos jovens”.

Por conseguinte essa reimpressão anastática — cujo preço se procurou reduzir ao mínimo — não deveria faltar nas bibliotecas salesianas, e não apenas nos centros de cultura.

Já foi enviado a Inspectores e Diretores um fascículo informativo contendo o convite e a modalidade para a sua aquisição. A obra constituirá substancial contribuição para a reflexão dos irmãos, sobre o renovamento da vida cristã na linha da fidelidade ao Fundador, promovida pelo CGE, e que o próximo 21.º Capítulo deverá reafirmar.

6. Atas do “Convegno Mondiale Salesiano Coadiutore”

Em princípios de abril estará pronta a edição oficial em italiano dos “Atti del Convegno Mondiale Salesiano Coadiutore”. Será enviado um exemplar a todos os Delegados que participaram do Encontro e a todas as Casas da Congregação.

Será um volume de cerca de 650 páginas, contendo:

- as palavras do Reitor-Mor na abertura e no encerramento do CMSC
- os relatórios por inteiro dos vários temas, seguidos das
- intervenções dos Delegados e das
- propostas e moções conclusivas votadas pela assembléia.

Com anexos, além de diversos documentos de particular interesse:

- a carta do Reitor-Mor convocando o Encontro e
- as “sínteses” das moções elaboradas pelos Encontros inspe-
toriais e regionais.

Ao compilar as Atas não se quis fazer uma simples crônica, mas apresentar um instrumento de trabalho que possibilite à Congregação aprofundar ulteriormente:

- também em vista do já próximo Capítulo Geral —, os temas relativos à figura do Salesiano Coadjutor: identidade, ação apostólica, formação, apresentação da vocação.

IV. O CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS

1. Encontro dos Bispos missionários

Vinte bispos missionários e seis inspetores em cujas inspetorias se encontram as dioceses, reuniram-se em Roma, a convite do Reitor-Mor, de 12 a 24 de janeiro p.p.

Ao convidá-los entendia o Reitor-Mor oferecer-lhes “uma feliz oportunidade para um intercâmbio e verificação de experiências e problemas comuns, e para tornar sempre mais eficaz a colaboração entre Bispos, Inspetores, Missionários e Congregação”.

Foi um “encontro de estudo”, durante o qual tiveram a oportunidade de dialogar com professores das universidades Urbaniana, Gregoriana e Salesiana. Os professores das diversas universidades deram conferências de ajornamento doutrinal sobre missiologia, aspectos jurídicos das missões, pastoral e espiritualidade missionária. E também conferências complementares sobre etnologia, religiões não cristãs, ecumenismo. As palestras seguiam-se reuniões de grupo, exposição de experiências e comunicações várias.

Foram tratados além disso “os aspectos específicos salesianos da missão”, tema extremamente prático, ao qual dedicaram não somente as horas marcadas, mas muitas outras destinadas à distensão e ao repouso. Enfrentaram o problema do pessoal salesiano (como conseguir mais missionários, como prepará-los e animá-los); a co-responsabilidade entre bispos e inspetores que trabalham nas mesmas áreas; o papel sempre mais relevante das Filhas de Maria Auxiliadora; a ajuda dos leigos engajados; como despertar e aproveitar as vocações locais...

Dia 21 de janeiro os bispos foram recebidos em audiência por Paulo VI, que lhes dirigiu algumas palavras, breves mas cordiais, reproduzidas às págs. 36-39.

O Reitor-mor falou também no encerramento do encontro (suas palavras nas págs. 28-32 deste fascículo).

Foi a primeira vez que os Bispos missionários salesianos das várias partes do mundo se reuniram para um ajornamento, e para juntos discutirem problemas comuns.

2. Semana de espiritualidade missionária

Logo em seguida ao encontro dos Bispos missionários, de 25 a 31 de janeiro, realizou-se na Casa Geral uma “Semana de espiritualidade missionária”, aberta aos vários grupos da Família Salesiana.

Tomaram parte no encontro 13 dos 20 Bispos que se encontravam em Roma, as Superiores de oito entre Congregações e Institutos seculares nascidos do tronco salesiano, representantes dos Cooperadores e Ex-alunos, 19 FMA e 37 Salesianos provenientes de diversas partes do mundo. Fato novo na história salesiana: achavam-se presentes membros de 12 diferentes organizações, reunidos no nome de Dom Bosco.

A Semana, organizada pelo Dicastério das Missões, visava a facilitar o encontro dos que trabalham no campo da missão salesiana, para se conhecerem, rezarem juntos, para troca de experiências, discussão de problemas e esperanças.

A 28 de janeiro o grupo participou de uma audiência pontifícia, e o Papa dirigiu-lhe algumas palavras, reproduzidas às págs. 39-40.

3. Confiada à Congregação a Prefeitura apostólica de Lashio

Uma notícia que muito bem se encaixa no ano centenário das nossas missões: Paulo VI a 20.11.1975 erigiu na Birmânia a Prefeitura Apostólica de Lashio, e confiou-a à Sociedade Salesiana. No mesmo dia, Paulo VI nomeou Prefeito Apostólico de Lashio o P. João Jocelyn Madden, birmanês.

O novo território confiado aos Salesianos desmembrou-se da diocese de Kengtung, constituindo antes sua parte setentrional. Situada entre os paralelos 22.º e 24.º de latitude, e entre a Arquidiocese de Mandalay e os limites com a China, a Prefeitura abrange uma área de 61.360 km². A população, de 1.438.915 habitantes, compreende 6 diferentes grupos étnico-lingüísticos.

Os católicos são 13.580, com 2.749 catecúmenos, concentrados em 150 aldeias. Frequentes as conversões à fé entre os Kachin e os Lishaw, que praticam sobretudo o animismo, e também entre os Wa.

Trabalham na nova Prefeitura dois missionários do Pime (os primeiros evangelizadores do território), sete salesianos birmaneses, um padre diocesano, 22 irmãs da Reparação e 20 catequistas.

O P. Madden, primeiro Prefeito Apostólico, nasceu em Toungoo (Birmânia) a 23.5.1934. Concluído o curso primário em Mandalay, continuou os estudos nas nossas casas de formação em Sonada e Shillong (Índia). Em 1967 foi ordenado sacerdote em Rangoon, após haver estudado teologia no seminário dessa cidade.

Desde 1973 era pároco em Namtu (Lashio); era também Delegado Inspetorial da Birmânia, cargo que ainda conserva.

4. Solidariedade Fraternal (19.ª relação)

a) INSPETORIAS DAS QUAIS PROVIERAM OFERTAS

AMÉRICA

Brasil, Belo Horizonte	Liras	1.904.522
Chile		2.000.000
Colômbia, Medellín (para a Guatemala)		840.000
Estados Unidos, New Rochelle		2.030.000
Estados Unidos, San Francisco		7.650.000
México, México		1.280.000
Uruguai		1.000.000

ÁSIA

China		800.000
Japão (para a Guatemala etc.)		2.406.000

EUROPA

Áustria		50.000
Bélgica (Sul)		291.262
Alemanha (Norte) para a Guatemala		7.470.600
Alemanha (Sul)		5.175.983
Inglaterra		1.200.000

Itália (Ligúria)	4.700.000
Itália (Meridional)	100.000
Itália (Novara)	5.500.000
Itália (Vêneta, S. Marcos) para a Guatemala	1.643.000
Espanha (Barcelona)	115.000
<i>Total das ofertas chegadas entre 15.12.75 e 15.3.76</i>	<hr/> 46.156.367
<i>Saldo anterior em caixa</i>	31.335
<i>Quantia disponível aos 15.3.76</i>	<hr/> <hr/> 46.187.702

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

ÁFRICA

África Central: para a missão de Kigali, Rwanda	1.000.000
Cabo Verde: para a pastoral na periferia	1.000.000
Egito: para os oratórios do Cairo e de Alexandria	1.000.000
Etiópia: dos EU (oeste) para a nova obra	2.460.000
Moçambique: para várias necessidades urgentes	1.000.000

AMÉRICA

Brasil, Guiratinga: para catequistas (da Alemanha)	150.000
Brasil, Humaitá: idem	67.600
Brasil, Porto Velho: idem	150.000
Brasil, Rio Negro: idem	150.000
Brasil, Rio Negro: para uma pequena construção em Taracúá	1.000.000
Campo Grande (da Alemanha — norte)	2.329.190
América Central: para as vítimas do terremoto da Guatemala	11.746.000

América Central, Haiti: para os meninos da rua	1.000.000
Chile: (de Novara)	600.000
Colômbia, Bogotá: para os meninos da rua, de Boscônia	1.000.000
Colômbia, Bogotá: para o Leprosário de Contratación (da Alemanha-norte)	2.329.193
Colômbia, Medellín: para estudantes pobres do Inst. Técnico P. J. Berrio	1.000.000
Equador, Chiguaza: para os pobres da missão	300.000
Equador, Sucua: motor de barco	1.000.000
Paraguay, Chaco Paraguai: para saldar dívidas em Puerto Casado	1.000.000
Venezuela, Puerto Ayacucho: de Novara para a missão de San Fernando de Atabapo	300.000

ÁSIA

Filipinas: para os favelados de Jorz, Pasil, Tondo	1.500.000
Japão (da Alemanha-norte)	1.350.000
Índia, Bombaim: para os pobres de Wadala	500.000
Índia, Calcutá: para o internato tribal de Azimgunj	1.000.000
Índia, Madrasta: para as escolas profissionais-internato de Guntur	1.000.000
Índia, Madrasta: para os cursos profissionais para adultos de Tirupattur	1.000.000
Índia, Raipur: para meninos doentes de poliomielite	300.000
Oriente Médio, Líbano: para a obra de Beirut	1.000.000
Oriente Médio, Nazaré: para aprendizes pobres	500.000
Timor: para as três missões	2.600.000
Vietnam: para a formação dos salesianos jovens	1.300.000

EUROPA

Itália, às FMA e ao trabalho na periferia, Óstia	200.000
Itália, aos presos em Milão	50.000
Iugoslávia, Zagreb (de Novara)	600.000
Suécia, (da Alemanha-norte)	2.700.000
	<hr/>
<i>Total das quantias entregues entre 15.12.75 e 15.3.76</i>	46.181.983
<i>Saldo em caixa</i>	5.719
	<hr/>
<i>Total em liras</i>	46.187.702
	<hr/> <hr/>

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNA

<i>Quantias chegadas até 15.3.76</i>	445.963.426
<i>Quantias distribuidas até essa data</i>	445.957.707
	<hr/>
<i>Saldo em caixa</i>	5.719
	<hr/> <hr/>

V. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E OUTRAS INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Por um breve período, de meados de janeiro à festa de S. José de 1976, encontrou-se todo o Conselho Superior na Casa Geral de Roma: após vários meses em que os Conselheiros Regionais estiveram visitando as inspetorias, e antes de novo período de visitas.

Havia muito trabalho programado para esse breve período do Conselho Superior em Roma. Primeiramente a nomeação de novos Inspetores. Em seguida o exame dos relatórios das visitas, preparados pelos Regionais. Eis em síntese o quadro das visitas realizadas:

- P. Fiora: às Inspetorias Meridional e Adriática;
- P. Williams: a Bombaim, Madrasta e à Delegação da Coréia;
- P. Mérida: Inspetorias de Bilbao e Córdoba;
- P. Henríquez: Peru e Medellín (Colômbia);
- P. Ter Schure: Alemanha do Sul;
- P. Vecchi: Buenos Aires, Campo Grande e Recife.

Preparou-se outrossim em linhas gerais o “calendário das atividades” de abril de 1976 a março de 1977. Encontros, reuniões, semanas de estudo, cursos de formação permanente. Muito numerosos estes últimos, porque positivos e solicitados pelos Salesianos, e por isso mesmo organizados nas mais diversas regiões e para as diversas categorias de pessoas. (Também no Salesianum, na Casa Geral, realiza-se atualmente um curso de Formação permanente: o sexto).

Nos dois meses em que estiveram todos na Casa Geral, refletiram os Conselheiros sobre a preparação do próximo Capítulo Geral, o 21.º da série, que se realizará em 1977. Considerou-se a natureza particular desse Capítulo, que se segue ao “especial” exigido de todas as Congregações pela Santa Sé, e que por conseguinte procurará (entre outras coisas) fazer cuidadosa revisão e verificação de quanto se estabeleceu no precedente. Trabalhou-se na determinação de sua orientação geral, do iter da preparação, bem como no exame de várias outras

exigências previstas pelas Constituições e pelos Regulamentos. No próximo fascículo dos Atos publicar-se-á a convocação oficial.

Não faltaram, nesse período, outras iniciativas dentro de cada dicastério. Intensa atividade do Conselheiro das Missões no ano centenário; um encontro dos Editores e outro dos Diretores dos Boletins Salesianos da Europa no setor da Pastoral dos Adultos, e ainda o encontro do P. Pilla com os Ecônomos do Extremo Oriente (destes últimos tratou-se na secção “Comunicações”).

VI. DOCUMENTOS

1. Aos Salesianos que trabalham nas Editoras

O “*Encontro dos Editores da Europa*” (ver neste fascículo pág. 9) abriu-se com as palavras do Reitor-Mor.

Após haver saudado o grupo de Salesianos que tem “o privilégio de trabalhar neste setor essencialmente “bosquiano”, que, mais do que nunca, vem ao encontro das necessidades dos jovens e do povo”, o P. Ricceri prosseguiu:

Tem este encontro, na minha opinião, importância fora do comum. Poderia ser o ponto de partida para um verdadeiro despertar. Muita coisa se havia até agora concretizado em vosso campo de trabalho, mas muitíssimas outras ficaram por realizar.

A Congregação afirma e reconhece, não apenas para vós mas para as Inspetorias e para seus responsáveis, o papel que na nossa missão eclesial e social tem a atividade editorial. Essa a vontade explícita, clara, muitas vezes e em várias formas manifestada pelo nosso Fundador. Este o ponto exato de partida.

A meu ver, a síntese do pensamento de Dom Bosco com relação ao tema, e da sua clara visão sobre o espaço que a atividade editorial deve ocupar no desempenho da nossa missão salesiana, encontra-se exposta com feliz precisão na carta de 19.4.1885. Ela corresponde, em minha opinião, à de 1884 escrita em Roma. Versava aquela o sistema preventivo, esta a nossa missão específica no campo da imprensa e editorial. Cumpre notar o ano: 1885. Dom Bosco, rico de experiência, sente esvaírem-se-lhes as forças (e o diz na carta), por isso quer claramente fixar para seus filhos os caminhos, os instrumentos, o estilo de sua missão no mundo.

Não tenho dúvidas em chamar de divino a este meio

Deveria essa carta estar habitualmente nas mãos e debaixo dos olhos de quem, em virtude de seu ofício (e não somente editorial), deve interessar-se por este atualíssimo canal da nossa missão. Citemos algumas passagens dessa carta fundamental, na qual Dom Bosco demons-

trava já no século passado — ele que tanto pregou — a profunda convicção de que o ministério da palavra não se pode restringir tão-somente à pregação, mas deve alargar-se e multiplicar-se, e com riquíssima variedade, no ministério da pena, do papel impresso, do livro, do periódico.

Diz Dom Bosco, falando do livro: “Não tenho dúvidas em chamar de divino a este meio, uma vez que o próprio Deus dele serviu-se para regenerar o homem. Foram os livros por ele inspirados que levaram a todo o mundo a verdadeira doutrina”.

Afirma em seguida (e queria que se ponderasse cada uma de suas palavras): “Os livros bons, espalhados entre o povo, são um dos meios capazes de conservar o reino do Salvador em muitas almas”. “São muito mais necessários hoje (isto é, há cem anos), quando a impiedade e a imoralidade se servem desta arma para destruir o rebanho de Cristo... É necessário, pois, opor arma a arma”.

Dom Bosco é um lutador, sem meias palavras, neste campo especialmente. Que diria hoje Dom Bosco?

Eis aqui uma sua afirmação bem decidida, para conquistar os seus filhos com a força do seu exemplo. (Porque como em outros campos, evidentemente, Dom Bosco teve que “fazer pressão” sobre seus filhos, para levá-los todos à linha de ação que ele via bem clara). Diz assim: “Foi este um dos principais empreendimentos que a Divina Providência me confiou, e vós sabeis como tive que me ocupar com ele de maneira incansável, não obstante muitas outras ocupações...”.

Não contente, Dom Bosco lembra a todos com estilo estatutário, constitucional: “A difusão dos bons livros é um dos fins principais da nossa Congregação”. É impressionante. E devemos-nos logo perguntar como foi posto em prática até agora um dos fins principais da Congregação.

Dom Bosco prossegue citando o artigo 7, parágrafo primeiro, das nossas regras (as antigas Regras), que diz dos Salesianos: “Empenhar-se-ão em difundir bons livros entre o povo, empregando todos os meios que a caridade cristã inspira. Com palavras e escritos, procurarão erguer uma barreira contra a impiedade e a heresia que de tantas maneiras tenta insinuar-se entre os rudes e os ignorantes”.

Rudes e ignorantes, nos tempos de Dom Bosco. Hoje temos o triste fenômeno por exemplo do neo-paganismo. Pensai, se muitos dos que se deixam arrastar por ele não são ignorantes.

Ignorantes cultos, que têm a sua cultura, e talvez sejam ateus. Temos hoje tantos fenômenos negativos, que tornam ainda mais atual a evangelização pelo papel impresso.

Chegando, pois, à conclusão, Dom Bosco emprega palavras e um tom impressionantes: “Peço-vos e exconjuro-vos que não descuideis esta parte importante da nossa missão”. Desce, ao depois, como costumava, a indicações particulares, de método: “Começai-a (esta missão) não somente entre os jovens que a Providência nos confiou, mas com vossas palavras e com o vosso exemplo fazei deles outros tantos apóstolos da difusão dos bons livros”.

Missão de bondade e catequese

As palavras de Dom Bosco, se bem as considerarmos, são fruto evidente da convicção, mas são ao mesmo tempo fruto da sua experiência pessoal de escritor, de editor, de disseminador do livro. As “Memorie Biografiche” têm páginas que documentam a atividade de Dom Bosco neste setor.

Sua enorme e quase inacreditável atividade anima-se sempre e recobra nova vida por um único escopo. Henri Bosco na biografia que escreveu em colaboração com o fotógrafo Von Matt, assim fala de Dom Bosco escritor (e podemos acrescentar, editor): “Todos os escritos de Dom Bosco revelam com grande clareza sua visão de sacerdote e de educador, suas finalidades apostólicas. A mais pequenina página saída de sua pena (e da sua tipografia!) tem o escopo único de fazer o bem e de instruir nas verdades da fé: uma missão de bondade e catequese”.

É uma bela síntese. Devemos estar atentos a não escorregar, deslizar, para outros tipos de atividade que não são “bondade e catequese”.

Poderíamos acrescentar mais especificamente: uma missão benéfica e esclarecedora, em favor dos jovens e do povo.

Nas “Memorie Biografiche” (IV, 511) lemos que um dos motores da atividade editorial de Dom Bosco era o “amor aos operários”. Queria, por isso, que os preços dos seus livros fossem baixos o mais possível. Também aqui Dom Bosco é o apóstolo não somente da juventude, mas do povo. “Eis por que Dom Bosco, embora assoberbado de preocupações e trabalho por seus pobres meninos e pelas duas

Congregações, encontra tempo, muitas vezes altas horas da noite, para tornar-se escritor e promotor da difusão de milhões de livros... Podia de fato escrever com satisfação numa carta: "Nestes anos passados os Salesianos difundiram oito milhões de livros...", e naquele tempo não era pouco.

Este resumidamente o pensamento, o exemplo, a vontade de Dom Bosco no setor editorial, colocado por ele ao lado do cuidado da juventude. Não como um apêndice qualquer, mas como algo essencial na nossa missão.

O "após-Dom Bosco"

Proponhamo-nos agora algumas perguntas. Como respondeu a Congregação no passado? Como responde em nossa geração?

A mim me parece que as gerações que seguiram imediatamente a Dom Bosco recolheram no conjunto — e com os limites provenientes de situações de homens, lugares e circunstâncias diversas de então — o convite insistente do Pai e a vontade da Congregação, que nas Constituições já havia codificado desde as origens este compromisso dos Salesianos.

Eis um exemplo do "após-Dom Bosco". Verifica-se nos Anais que, onde quer que os Salesianos armaram suas tendas, preocupam-se com a livraria, que mais das vezes é também editora (modesta talvez, mas editora), e trabalha na linha da "Salesiana" de Turim. Da editora-mãe, numa palavra no tipo e no estilo dos livros: muitas vezes trazindo seus livros.

E hoje...?

Involução e desvio

Hoje, porém, essa "vontade política e operativa" não caminhou a passo igual com o avanço imponente e avassalador da imprensa no mundo, e de todos os meios que nasceram e se desenvolveram enormemente nestes últimos anos, designados como instrumentos da comunicação social. Houve um fenômeno que creio poder definir de involução no nosso campo editorial. E ousaria dizer alguma vez de desvio, na visão da nossa missão em sua complexidade.

Faltou a sensibilidade (sentir os tempos) e a intuição, que em tão alto grau possuía Dom Bosco. Não nos demos conta da importância e incidência crescente desse apostolado. Fechamo-nos por demais no setor de outras atividades.

Eu não sou contra o ensino, já o disse mais de uma vez. Mas é certo que em muitos casos verificou-se uma espécie de monopólio dessa atividade em prejuízo das demais.

Com que conseqüência? Esta: pela preocupação de atender às exigências imediatas das obras escolares sempre crescentes, foi-se cada vez mais restringindo, ou desapareceu de todo, a área da atividade editorial, tal como a exigem Dom Bosco e a nossa missão.

Por outra parte não devemos fazer passar por atividade editorial o que na realidade não é. Uma tipografia pelo fato de dar trabalho a quarenta operários, não é ainda uma editora, nem é editora salesiana se não produz segundo a linha salesiana de que se falou. Será apenas uma empresa tipográfica, que é coisa bem diferente.

O sinal mais grave da involução que tivemos, é, segundo me parece, o fato que não se procurou preparar e qualificar homens para esse apostolado. Um apostolado para o qual, hoje especialmente, não basta certa propensão ou alguma dose de boa vontade, mas se requer uma preparação específica e séria. Chegamos assim a reduzir uma atividade que devia ser salesianamente editorial (produtora e distribuidora de livros cristãmente construtivos), numa empresa tipográfica que trabalha (talvez ganha!), mas não pela criação do livro, ou do periódico, pensado e querido por Dom Bosco.

Se não se providenciarem os homens

Tanto mais tristes são essas constatações quando se vêem Ordens e Congregações religiosas que não tinham entre seus fins originais o da imprensa como instrumento eficaz e insubstituível de evangelização, empenhadas hoje em atividades não somente editoriais mas em toda a gama dos instrumentos da comunicação social. Lia eu nestes dias a respeito de uma carta do Mestre Geral dos Dominicanos, que insiste energicamente com os religiosos e as religiosas da Família Dominicana, em que, olhando a realidade de hoje, e prevendo o amanhã, dêem maior espaço — preparando primeiramente pessoal adequado — aos instrumentos da comunicação social.

Ora, enquanto não providenciarmos em destinar razoável contingente de homens a essa atividade, tudo o mais estará em boa parte comprometido. Pronunciaremos belos discursos, promoveremos belas reuniões sobre a imprensa, mas praticamente as coisas ficarão como dantes e continuarão a perder terreno. Se não se preparam e aumentam em número os que devem realizar esse apostolado — nos termos exigidos pela sociedade moderna e pela Igreja —, corre-se o risco de deixar morrer um dos filões mais vitais e importantes da atividade apostólica e salesiana.

De resto, devemos reconhecer que não é de hoje que a Igreja e o Concílio dão particular importância à imprensa e aos instrumentos da comunicação social, e estimulam os religiosos a empenhar-se nessa atividade com caráter de urgência. Conheceis os documentos, e não há mister comentá-los (“Inter mirifica”, “Communio et Progressio” etc.).

Que fazer?

Então, nós Salesianos, que ainda antes das manifestações do Concílio ou da Igreja, já desde o nosso nascimento recebemos este mandato específico (falo do editorial), que devemos fazer hoje? A resposta nos foi dada pelos últimos Capítulos Gerais.

O CGE interessou-se muito, considerando nossa missão e o pensamento da Igreja, por este setor. Confirma-lhe a importância e atualidade, tanto salesiana como eclesial; não só, mas estende o interesse, como fez a Igreja, da editorial a todos os instrumentos da comunicação social. A esse tema dedicou todo um documento, o sexto.

Não vou repetir aqui as páginas desse documento, que se deve absorver e... digerir “cogitatione, verbo et opere”. Lembro apenas que o Capítulo reconhecia que o Capítulo XIX já havia formulado em 1965 um vasto programa para sensibilizar os Salesianos a esse apostolado ao qual a Congregação destinou um lugar proeminente; mas acrescentava — citando as palavras de introdução do Reitor-Mor — “que não se havia promovido um empenho sistemático, coordenado e adequado, para a atuação daquele programa”.

Na realidade alguma coisa se havia feito aqui e ali; mas ao fazer as contas o balanço não resultava muito positivo.

Pois bem, o CGE não somente retomou as idéias do Capítulo XIX, mas enriqueceu-as, e delas extraiu algumas diretrizes concretas que, postas em prática, darão à editorial e aos instrumentos da comunicação social o lugar e o papel que nossa missão postula e exige.

Para nos mantermos no campo editorial, no número 461 das Atas do Capítulo XX lemos: “Nossas casas editoras e tipográficas tenham sempre presente a sua missão de difundir a mensagem evangélica entre os jovens e o povo. Os salesianos adidos à imprensa realizam também desse modo sua vocação salesiana e apostólica”.

No número 462 afirma-se: “As editoras salesianas de uma mesma nação ou de mesmo idioma sejam orientadas para uma estreita colaboração entre si, a um intercâmbio em plano internacional”.

Sensibilizar a opinião pública salesiana.

Chegando a este ponto pressinto vossa objeção: “É só a nós que diz isso? Que é que podemos fazer?”. Reconheço que não basta falar a vós somente; o problema — trata-se mesmo de um problema — interessa e responsabiliza o governo da Congregação. Em todos os níveis, mas no plano prático interessa especialmente cada Inspeção, as Conferências Inspeccionais e os grupos de Inspectores. O caminho a percorrer é ainda longo. Penso no famoso redimensionamento... Estais vendo como as coisas se prendem uma às outras? O redimensionamento foi entendido muitas vezes como um problema de “cemitério”, um problema de “decepar cabeças”, de “fazer morrer”. Ao invés, é um problema de reviviscência, de revitalização das atividades salesianas.

Mas devo dizer ainda que é preciso um movimento, e, pois, uma sensibilização, da opinião pública dentro da Congregação, da Família Salesiana, e de modo especial de cada Inspeção. Movimento de opinião, criar convicções. É preciso fazer que os Salesianos e a nossa gente toque com a mão o erro grave que especialmente hoje se comete nas Inspeções, se se ignora ou subvaloriza este setor atualíssimo e urgente de ação evangelizadora-educativa e se continua, ao invés, a dar um lugar privilegiado a outras atividades que podem sem prejuízo ser redimensionadas.

Nesse empenho podeis, de vossa parte, colaborar mui proveitosamente, iluminando nossa gente com argumentos de quem fala com conhecimento de causa.

Sugiro-vos dois argumentos. Lembro-vos um Irmão tirado de sua Inspetoria, de uma série do primeiro grau. Após haver trabalhado por alguns anos no setor editorial, numa revista popular que atingia cem mil exemplares, fazia esta observação: “Trabalhando na minha classe, eu tinha uma cátedra da qual falava a trinta meninos. Hoje falo de uma cátedra que atinge mais ou menos 400 mil pessoas”. Deveria isso fazer compreender à nossa gente a diferença que há entre a cátedra de um professor, e a cátedra — digamos assim — de alguém que escreve, que trabalha numa editora de sentido salesiano.

Outro pensamento para sensibilizar a opinião pública, vou extraí-lo do próprio Dom Bosco, da carta que por várias vezes citei. Encontrais nela uma coisa original: a descrição do iter de um livro. Uma descrição rica de intuições psicológicas, e sociológicas, que são dignas de Dom Bosco. Diz por exemplo: o bom livro, mesmo posto de lado, não se lamenta, não reage mal, mas deixa-se ficar ali, esperando. Rejeitado, cairá amanhã nas mãos de um outro. Não só: famílias há onde o sacerdote não pode entrar, nem há outro meio de lhes fazer ouvir uma boa palavra. Um livro, porém, entra com muita facilidade nessas casas também. Não só, por quantas mãos pode passar...

Ora, é preciso saber apresentar tais constatações. A meu ver, a criação em nossa gente de uma opinião comum, de uma convicção, é de grande importância. Vós o constatais cada dia quanto se faz para suscitar essa opinião pública no campo político e social.

Concluo. Disse-vos todas essas coisas para que sintais que trabalhando no setor editorial, com as inquietudes, o estilo e o método do nosso Pai, vos encontrais em plena sintonia com a Congregação, trabalhais em campo essencialmente salesiano, sois com vosso trabalho de pleno direito “Salesianos de Dom Bosco”.

E agora... bom trabalho!

2. Aos Bispos missionários salesianos

O “*Encontro dos Bispos missionários salesianos*” (neste fascículo à pág. 13) encerrou-se dia 24.1.1976 com este discurso do Reitor-Mor que encarece os laços profundos e recíprocos que existem entre a Congregação Salesiana e os seus filhos Bispos.

Após haver agradecido participantes e organizadores pelo bom êxito do Encontro, o P. Ricceri prosseguiu: O nosso quer ser um agra-

cimento concreto. Qual? Não malbaratar o capital espiritual, pastoral, salesiano acumulado durante estes dias, que eu não recearia definir como dias de graça.

Justamente para não deitar a perder essa riqueza, tomo a liberdade de relembrar algumas idéias-mães, as mais importantes, que surgiram e apareceram durante nosso encontro. Tais idéias se traduzirão assim mais facilmente em realidade: em vós, e depois nos outros dos quais sois de alguma maneira os responsáveis e os animadores.

1. *Ut unum simus*

Unamo-nos, realizemos o “ut unum simus”. É ele, lembremo-lo, um pensamento constante de Dom Bosco: a união das forças.

Os tempos são difíceis, o mundo adoce de egoísmo, está desunido e dilacerado por um furor suicida. Justamente por isso queremos manter-nos unidos a qualquer preço: “cor unum et anima una”, com Cristo e com Dom Bosco, para construir o Reino de Deus. Sintetizaria esse conceito numa frase: nós (Congregação) para vós, e vós conosco. Multiplicaremos desta sorte as possibilidades de fazer o bem.

Essa união de corações, de vontade, não se alcança mediante o Direito, embora sejam necessários os cânones e as convenções. Não bastam os cânones para criar a camunhão de corações que é essencial a um trabalho de evangelização eficaz e frutuosa para todos. A comunhão é fruto e expressão de caridade e de fé.

2. *As almas antes de tudo*

Antes de tudo as almas; entre as quais a nossa também, de nós Superiores, de nós Bispos, de nós Inspetores. E logo em seguida as almas dos nossos missionários, de que somos, cada um por seu lado, responsáveis.

Queria então dizer em concreto: reunamo-los muitas vezes. Ouço com prazer que funcionam aqui e acolá cadeias radiofônicas justamente para criar tal união. É já uma grande coisa. Mas é necessária a presença física, para uma união psicológica também e espiritual. Refiro-me aqui aos retiros trimestrais, mensais, anuais.

3. *A evangelização exige estudo*

O Bispo e os missionários são para o povo de Deus, que devem evangelizar. Disso estamos todos convencidos. Mas a evangelização exige um estudo prévio e oportuno. De aí a importância de ter — e portanto de captar, de “roubar” — idéias: de livros e revistas boas e construtivas. Estudo, pois. E não apenas para ter idéias, mas estudo também dos meios, dos modos para pôr em ação planos a longo e médio prazo.

4. *Os leigos e a comunicação social*

Elemento insubstituível de evangelização, são os leigos, adequadamente preparados, e os instrumentos de comunicação social.

5. *Co-responsabilizar*

Todo esse trabalho supõe e exige que o Bispo não trabalhe sozinho, mas responsabilize os seus colaboradores. Hoje mais que nunca é válida a palavra da Escritura: “Vae soli!”. Ai de quem está só, que trabalha só, e pretende agir só. Esse tal, por muitos motivos, se empobrece e pode ainda acabar por orientar-se mal em problemas nada secundários. Portanto, co-responsabilizar.

Nesta linha (refiro-me agora às duas pessoas: o Inspetor e o Bispo) mais que de diarquia prefiro que se fale de co-responsabilidade, de colaboração. Embora distinguindo os dois papéis diversos.

6. *Os meios materiais*

Muito embora não sejam tudo, é sempre verdade que são necessários os bens materiais. A Congregação continuará a ajudar-vos, não vos abandonará. Ela sabe que tem um compromisso perante a Igreja e perante vós, como filhos da Congregação. Evidentemenete nos limites das possibilidades, e de acordo com as peculiares necessidades.

Isso, porém, não dispensa o Bispo de interessar-se por conseguir outros auxílios, e de administrar com vigilante sabedoria e são realismo. O que importa, entre outras coisas, um cuidadoso balanço preventivo e das despesas. Não se pode improvisar e não se pode sequer pedir contribuições sem dizer por que e para que.

Com um Plano preventivo vê-se o que se pode fazer. Não se podem evidentemente realizar macro-projetos quando os meios não são adequados. E depois, há naturalmente nos projetos exigências prioritárias.

A ajuda da Congregação não dispensa de co-interessar, com oportunas informações, os próprios colaboradores. Hoje todos querem saber. Devemos, pois, acabar com aquele clima de segredo que talvez se mantinha outrora. E isso devemos-lo fazer na maneira pedagogicamente mais oportuna.

Convido por fim cada Bispo a ter presentes, ao gastar, os critérios já repetidas vezes apontados, referentes à preparação e à organização dos realizadores da evangelização: sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas. Essas as forças vivas e operantes da missão.

7. *Amor à Congregação*

A Congregação é sempre vossa mãe, e quer mostrar-se tal. E vós, caríssimos, conservai, alimentar o sentido de amor filial para com ela, esteja quem estiver como timoneiro da Congregação. Continuai a edificante linha de conduta de tantos magníficos Bispos salesianos: do Card. Cagliero a D. Pittini, de D. Costamagna a D. Piani, de D. Mathias ao Card. Trochta (que, se não esteve em terras de missão, foi autêntico mártir de duríssima missão, e filho devotíssimo da Congregação).

Para alimentar este sentido salesiano, mantende-vos em contato conosco, e com isso nos deixareis muito felizes. Lede as publicações de informação salesiana, que espero cheguem regularmente a todos: os Atos do Conselho, o ANS, os livros de espiritualidade salesiana... Quanto mais se conhece uma criatura, tanto mais se ama. A Congregação é uma criatura que merece ser amada.

8. *A Dom Bosco a última palavra*

Deixo a Dom Bosco a última palavra, ao nosso queridíssimo Pai, como conclusão deste nosso encontro fraterno.

Apresento textualmente pensamentos de Dom Bosco, pensamentos que são idéias-força, idéias oportunas, convicções que sustentavam a

incansável, difícil ação apostólica de nosso Pai, e que ele repetia aos seus filhos de vários modos, em muitas ocasiões. Eis suas palavras: “Eu confio ilimitadamente na Divina Providência. Mas a Providência quer ser ajudada por imensos esforços de nossa parte” (MB 1, 55).

E precisamente falando das missões, diz as seguintes palavras, que pouco mais pouco menos traduzem as que ouvimos em geral: “Espere-mos no Senhor. Neste empreendimento (das missões) façamos como em todos os outros. Deposite-se toda a confiança em Deus, e espere-mos tudo dEle. Mas ao mesmo tempo desenvolvamos toda a nossa atividade” (MB 12, 280). Belo esse “desenvolvamos”, isto é: ponhamos em ação ampla e generosamente toda a nossa atividade.

Para uma pincelada de atualidade, eis ainda a palavra do nosso Pai: “O futuro do mundo é obscuro. Mas Deus é luz, e a SS. Virgem é sempre a estrela da manhã. Confiança, pois, em Deus e em Maria” (MB 15, 608).

E por fim uma imagem poética, muito sugestiva, mas impregnada de fé: “Fica com Deus — é sempre Dom Bosco que fala — como um passarinho que sente o ramo tremer e continua a cantar, porque sabe que tem asas”.

Com essas palavras de confiança e fé do nosso Pai, encerremos estes dias de fraternidade, com o propósito de levar-lhe os frutos aos Irmãos, e aos que estão confiados aos vossos cuidados pastorais.

VII. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

1. Inspetoria das Antilhas — Iniciativas no campo das vocações

O NI das Antilhas de dezembro de 1975 descreve às págs. 4-5 algumas interessantes iniciativas adotadas na República Dominicana pelo delegado nacional para as vocações.

Por ocasião do Centenário das Missões salesianas, o delegado nacional para as vocações percorreu as doze casas salesianas da República Dominicana, apresentando um panorama completo das atividades apostólicas salesianas no país.

Com uma coleção de duzentas diapositivas de conteúdo vocacional ilustrou as várias obras salesianas no que têm de mais característico, o pessoal em atividade, os jovens irmãos ainda em formação (quase todos salesianos são do lugar, fruto de 28 anos de intenso trabalho vocacional até agora realizado). Com as diapositivas pôde descrever também a necessidade de manter vivas todas as atividades apostólicas atualmente desenvolvidas, e de criar novas obras que se afinem com as necessidades dos tempos.

O delegado vocacional trabalhou nas casas por quase um mês, promovendo ao todo 40 encontros, nos quais pôde falar e dialogar com seis mil jovens. A iniciativa foi muito bem recebida: nos cinquenta minutos que durava a projeção das diapositivas, os meninos mantinham-se atentos, como se estivessem assistindo a um filme. "Sinal de que apreciam nosso trabalho mais do que pensamos".

Ao termo de sua viagem pelas casas, o delegado recolheu no aspirantado de Jarabacoa oitenta jovens "vacionáveis", oferecendo-lhes a oportunidade de passar um dia na companhia dos aspirantes. A iniciativa tinha a finalidade de fazer com que os meninos tivessem um contato realista com a vida salesiana. Os jovens estavam acompanhados por algum irmão da sua casa, e isso serviu também para criar espírito de família.

O delegado para as vocações manifesta otimismo quanto aos resultados dessa iniciativa, e afirma que se hoje se encontra na ativa

bom número de salesianos da terra, é porque a atividade vocacional jamais se interrompeu. Acrescenta: “O dia em que se interromper, sofreremos dolorosas conseqüências”. Entrementes, no que lhe cabe, está visitando as casas das Filhas de Maria Auxiliadora, e de outros colégios onde a obra salesiana ainda não é conhecida.

2. Inspetoria de Gauhati — Tradução da Bíblia em Khasi

Desse notável empreendimento literário e editorial levado a cabo pelos irmãos do Assão nos fala o NI de Gauhati, de dezembro de 1975.

A tradução de toda a Bíblia em língua Khasi chegou ao fim: dentro de doze meses a obra estará pronta para distribuição. O trabalho foi realizado exatamente em cinco anos.

Podemos considerá-la como a “tradução da segunda geração”, ou também “a tradução dos nativos”, para distingui-la da primeira geração, realizada pelos europeus.

Os motivos que levaram a realizar esse trabalho colossal são os seguintes:

1. a tradução anterior, feita pelos missionários Presbiterianos por volta de 1890, já tem oitenta anos;
2. realizada com critérios de tradução estritamente literal, estava longe de dar exatamente o sentido das Escrituras;
3. em oitenta anos a língua Khasi desenvolveu-se celeremente; saiu por assim dizer da infância, fazendo-se necessário um ajornamento também da tradução;
4. os católicos deviam de qualquer maneira traduzir para o Khasi pelo menos os livros dêutero-canônicos que faltavam na tradução presbiteriana; e essa tradução não se harmonizaria com a anterior.

A impressão da Bíblia está sendo feita na “Don Bosco Press” de Shillong. Está prevista a tiragem de dez mil exemplares para toda a Bíblia, e de outros cinco mil exemplares para o Novo Testamento.

A nova Bíblia Khasi pode ufanar-se de ser a primeira tradução da Bíblia católica feita no Nordeste da Índia.

3. Inspetoria de New Rochelle (USA) — Para os jovens da comunidade chinesa

Chega-nos de Boston o exemplo de um grande colégio que não se fecha em si próprio mas procura encontrar-se com o povo que lhe vive ao redor (do NI de setembro de 1975, pág. 9).

Pelo segundo ano consecutivo as esplêndidas instalações esportivas da “Escola Técnica Dom Bosco” de Boston foram excelentemente utilizadas durante os meses de verão: foram postas à disposição das minorias étnicas residentes na área periférica de South Cove, particularmente pela comunidade chinesa.

A freqüência quotidiana ao “centro juvenil” por meninos e meninas chinesas foi superior a duzentos. A atividade compreendia basquete, natação, pingue-pongue e vólibol.

Alguns assistentes sociais chineses colaboraram com os salesianos para assistir os meninos e coordenar as diversas atividades. Segundo cálculos dos salesianos do centro juvenil, juntaram-se quase vinte mil dólares para as despesas, recebidos das várias fundações locais e da cidade de Boston.

“O centro juvenil cresceu na estima da comunidade chinesa — dizem nossos salesianos —, e demonstrou o interesse da escola pelo povo que reside nas imediações. Abrimos desta sorte uma brecha no muro invisível que parecia separar-nos da comunidade chinesa”.

VIII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. Aos caríssimos Bispos missionários de Dom Bosco

Em seu discurso na audiência de quarta-feira, 21.1.1976, à qual compareceram vinte Bispos missionários salesianos acompanhados pelo Reitor-Mor, Paulo VI dirigiu a eles a primeira saudação.

E como de costume, ao falar afastou-se muito do texto oficial transcrito no dia seguinte no Osservatore Romano. Para sermos completos, apresentamos aqui todo o discurso do Papa, como foi possível captá-lo com o gravador, complementando-o com as partes do texto oficial ao qual o Papa explicitamente recorreu.

O Papa exordiou assim

Queríamos ter muito tempo, e a possibilidade de entrarmos em contato direto com cada um de vós, para dizer-vos do valor espiritual, social, moral, eclesial que Nós atribuímos a um colóquio, momentâneo embora, deste gênero. É de fato uma realidade, ainda que passageira, mas de Igreja: aqui nos sentimos unidos, sentimo-nos em Cristo, sentimo-nos realizadores das famosas “notas da Igreja” que lhe justificam a apologia, e que no fundo constituem também suas secretas propriedades.

A Igreja é una: eis-nos aqui unidos! A Igreja é universal: e eis que vindes de todas as partes possíveis nas vossas viagens, com a mesma meta e também, diria, com o mesmo espírito, com a mesma alma; há uma catolicidade que se faz evidente. E isto, por quê? Porque aqui está Pedro! E por que nos reunimos assim? Para nos tornarmos bons, para maior consciência da nossa vocação, isto é, para termos sopro de santidade que aspira a realizá-la, e que espera, com a graça de Nosso Senhor, a vossa realização. E, portanto, uma saudação realmente eclesial a todos vós!

Em seguida Paulo VI dirigiu a palavra diretamente aos Bispos salesianos

A primeira saudação reservamo-la a um grupo extraordinário, mui querido, de Bispos! Também eles realizam em si próprios as mesmas

“notas” de que antes falávamos. São Bispos salesianos. Sabeis que a Congregação Salesiana, que celebrou há pouco, parece-me, o seu centenário de propagação, espalha-se agora por todo o mundo. E não somente sob o aspecto missionário que a distingue, mas também sob o aspecto pastoral, que foi adquirido numa plenitude de presenças e ações, em meio aos povos em que se disseminou, melhor, em que se difundiu. E então Nós queremos saudar estes irmãos de maneira especial.

Por felicidade Vós todos compreendeis a língua italiana, porque os alunos de Dom Bosco cresceram à escola dessa língua que os viu nascer e prosperar.

Saudamo-vos do íntimo do coração, e damos graças ao Senhor que depois de nos haver dado a alegria de um encontro, em novembro passado, com os novos missionários salesianos, oferece-nos agora a consolação de ver aqui reunidos, diante de Nós, também os dignísimos e caríssimos Bispos missionários da grande Família religiosa de Dom Bosco!

Tais encontros, para lembrança de uma data histórica da vida do vosso Instituto, permitem-nos medir em toda amplitude e riqueza os frutos de que a Igreja se beneficiou desde quando, há cem anos, o primeiro núcleo dos vossos Irmãos dava início à estupenda aventura missionária ambicionada por Dom Bosco!

E aqui, queridos Confrades, teríamos muita e muita coisa a dizer, a respeito dessa história que tecestes e vivestes e destes ao mundo, como uma apologia viva da atualidade e da vitalidade do cristianismo. Teríamos de falar também daquele pouco conhecimento pessoal e ocasional que travamos com alguns de vós antes de aqui nos reunirmos.

Quereríamos dizer-vos da estima, das esperanças, sobretudo da confiança que depositamos em vossa presença na Igreja, e na audácia, audácia evangélica, que vezes tantas vos lança para frente e faz aceitar lugares que são certamente muito delicados e muito difíceis, e que sabeis transformar em lugares de Igrejas novas. Isso tudo mereceria uma apologia muito ampla e cordial. Diremos alguma coisa pela imprensa, uma vez que agora não nos é concedido entreter-vos por mais tempo.

O Osservatore Romano do dia seguinte trazia o seguinte trecho, preparado pelo Papa mas não lido, que tem aqui sua colocação lógica

Conhecemos as ansiedades e os graves problemas que o vosso zelo deve enfrentar num momento que assinala uma era nova, uma virada decisiva no campo da atividade missionária. Novas perspectivas, mas também novas dificuldades abrem-se hoje às magnânimas ousadias dos pioneiros do Evangelho. Tudo isto significa que o apostolado missionário deve-se hoje conceber com vistas mais largas e modernas. Impõe-se uma renovação na propaganda, no recrutamento e na preparação dos novos recrutas nos métodos, nas obras, na organização. Tudo isso não acontece sem risco. Requer-se, pois, atenta vigilância de vossa parte, sobretudo para estabelecer um equilíbrio harmônico nas relações que deve haver entre a evangelização e o desenvolvimento, binômio com que se define hoje e se distingue a orientação geral da atividade missionária. Sensíveis embora às necessidades e aspirações dos Povos em via de desenvolvimento, e sem esquecer nunca a lição solene do Evangelho sobre o amor do próximo necessitado e sofredor (cf. Mt 25, 31-46), repetida pelo ensinamento apostólico (cf. 1 Jo 4, 20; Tg 2, 14-18) e confirmada por toda a tradição missionária da Igreja, mantende vós outros sempre firme a convicção que a ação missionária faltaria à sua razão de ser se se afastasse do eixo religioso que a governa. Nela a evangelização deve manter sempre a prioridade, o reino de Deus deve vir antes de qualquer outra coisa: aqui está a sua força, aqui a sua sabedoria, como de resto eram as diretrizes de longo alcance do vosso santo Fundador. E isso, hoje não menos que ontem, a Igreja espera de vós.

Paulo VI concluiu assim

E agora vos auguramos, veneráveis irmãos, que o Senhor guie os vossos passos neste árduo caminho. Sabei entretanto que convosco está a Nossa oração, que suplica ao Senhor, por intercessão de Maria Santíssima Auxiliadora, luzes e consolação necessárias às vossas generosas canseiras.

Lemos sempre com atenção, e quase com avidez, os relatos que Nos chegam das vossas missões, mormente quando se desenvolvem em condições mais difíceis e contestadas. E por isso o Nosso pensamento e Nosso afeto está convosco!

Convosco está a Nossa Bênção, que de coração estendemos a todos os vossos fiéis, a todos os Filhos da grande Família Salesiana, e a toda a juventude à qual em primeiro lugar dedicais vossos cuidados e vosso ministério.

Benditos sejais!

2. A Família missionária salesiana — 28 de janeiro de 1976

NB. Os textos de maior margem não fazem parte do documento oficial publicado no Osservatore Romano de 29 de janeiro de 1976.

Começamos com um grupo que — diria — pode servir como paradigma para saudar também os demais.

Desejamos dirigir-nos com particular afeto aos membros da família missionária salesiana. Os Salesianos são sempre generosos e numerosos. Vimos a semana passada todos os Bispos missionários (20) da família salesiana; aqui, precisamente na semana passada vimos qual a irradiação da prodigiosa família de Dom Bosco.

E agora recebemos os sacerdotes, Filhas de Maria Auxiliadora, membros de Congregações e Institutos seculares fundados por Salesianos em países de Missão, Cooperadores e Ex-alunos, que se encontram nestes dias reunidos na oração e no estudo, refletindo sobre as exigências missionárias do carisma salesiano.

Nós vos dizemos, antes de mais nada, filhas e filhos caríssimos, da alegria que nos invade o coração pela oportunidade deste encontro conosco, que visa a comemorar...

— e é bom que todos o saibam, porque interessa toda a Igreja — o primeiro centenário do despontar da atividade missionária da vossa Congregação voltando a percorrer juntos as etapas de uma história gloriosa, que se desenvolveu em todas as regiões da humanidade, até nas mais impenetráveis e difíceis, para continuar com renovado vigor a vossa obra missionária na Igreja.

Coloco-me a mim mesmo dentro dessa realidade. — Lembramos que nos anos da nossa juventude, ouvíamos contar a história do Card. Cagliero. Era então apenas uma alusão à sua história; mas abriu um caminho que continua típico na história que deveis realizar e prosseguir.

A vós também quisemos endereçar a nossa recente Exortação Apostólica sobre a evangelização do mundo contemporâneo, a 8 de dezembro passado: lembramos os sacerdotes, “educadores do Povo de Deus na fé” (n. 68); os religiosos e as religiosas, cujo apostolado “é muitas vezes marcado por uma originalidade, uma genialidade que nos conquistam a admiração”, pois “eles se encontram muitas vezes nas linhas de frente da missão, e enfrentam os maiores riscos relativos à saúde e à vida” (n. 69); os leigos que, por sua vocação específica de estarem no meio do mundo e à frente dos mais variados misteres, “devem exercer por isso mesmo uma forma singular de evangelização” (n. 70). Conservando firme no coração e na mente os exemplos e ensinamentos do vosso grande Fundador, S. João Bosco,

(bem sabeis que Dom Bosco se torna cada vez maior à medida que dele nos distanciamos. É a prova de que historicamente atingiu deveras os confins do mundo), pois bem, relembrando tais ensinamentos,

vós respondeis com generosidade e entusiasmo ao convite da Igreja que vos chama a ser incansáveis operários da evangelização.

Deve ser o vosso carisma: Não se cansar nunca! Deus vos abençoe! Com esses votos, invocamos sobre todos vós abundante efusão de favores e consolações celestes, e como penhor dos mesmos vos damos de coração a Bênção Apostólica.

IX. NECROLÓGIO

P. João Affanni

* Traversetolo (Parma, Itália) 2-5-1902, † Caracas (Venezuela) 1-2-1976 com 73 anos, 48 de profissão, 43 de sacerdócio.

Proveniente do seminário de Parma em momentos difíceis para ele, conservou sempre grande gratidão a Dom Bosco, traduzida em fidelíssima dedicação ao dever. Trabalhou na Missão do Alto Orinoco e em outras casas da Inspeção Venezuelana. Sua alegria explodia no canto e em sonoras risadas; o zelo aproximava-o do povo, para o qual construiu várias igrejas nos Andes venezuelanos. Sua alegre existência foi truncada por uma síncope cardíaca, efeito da diabetes que havia muito o acometera. Em seus funerais cantou-se, como desejava, um hino festivo a Dom Bosco, como ele gostava de cantar com sua magnífica voz de barítono, que dava glória a Deus e alegrava os irmãos.

P. Armando Alessandrini

* Ischia di Castro (Viterbo, Itália) 24-2-1906, † Roma (Itália) 18-12-1975 com 69 anos, 53 de profissão, 45 de sacerdócio. Foi diretor por 4 anos.

Desenvolveu sua atividade salesiana e sacerdotal, intensa e variada, em Terni, Macerata, Latina, Roma, Frascati, Genzano, e por fim novamente em Roma no Instituto San Giovanni Bosco, onde se preparou para o encontro com o Senhor na purificação através do sofrimento. Trabalhou apostolicamente, sobretudo na formação cristã dos jovens, no oratório, na escola, na União dos Ex-alunos, com dotes humanos e com espírito salesiano que lhe grangearam simpatia e confiança.

P. Luís Algeri

* Nembro (Bérgamo, Itália) 19-3-1891, † Darfo, Bréscia (Itália) 15-7-1975 com 84 anos, 60 de profissão, 52 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

A vocação missionária levou-o muito jovem ainda a Ivrea e depois ao Chile, onde fez o noviciado. Ordenado sacerdote, foi destinado à incipiente missão do Rio Negro, Amazonas, onde trabalhou com o entusiasmo de um pioneiro. Transferiu-se depois para a Colômbia e a Venezuela. De saúde excepcional até os 80 anos, teve que regressar

à pátria em 1969 por uma espécie de paralisia progressiva. Passou os últimos 5 anos na “Casa del Fanciullo” em Darfo, sempre cercado de meninos e pessoas do povo atraídos por seu caráter jovial. Sobressaía por um duplo otimismo: a simplicidade infantil com que contava as excepcionais aventuras de 50 anos de missão, e, o que é mais edificante, a naturalidade com que atribuía aos outros os melhores feitos missionários, inclusive os seus.

P. José Anzolini

* Monte Porzio (Pésaro, Itália) 9-3-1909, † Ancona, (Itália) 12-2-1976 com 66 anos, 15 de profissão, 44 de sacerdócio.

Entrou na Congregação aos cinquenta anos de idade, quando lhe morreu a mãe. Bom e cordial, viveu a vida salesiana no apostolado paroquial. Trabalhou particularmente com eficácia entre os velhos e os doentes, que visitava de contínuo. Distinguiu-o um grande amor à Congregação.

P. Libero Biondi

* Sepino (Campobasso, Itália) 5-7-1883, † Belém (Israel) 18-12-1975 com 92 anos, 73 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi diretor por 26 anos.

Era figura de primeira plana em sua Inspetoria. Em Valdocco assimilara dos salesianos da primeira hora, sobretudo do bem-aventurado P. Rua, o espírito do nosso Fundador. Trabalhou no Oriente Médio de 1911 até o fim de sua vida. Durante a segunda grande guerra teve que assumir a responsabilidade dos salesianos e das suas obras substituindo o Inspetor; manteve, com fé viva e tenaz, a atividade salesiana naqueles anos, e fê-la reflorescer plenamente após o conflito. Distinguiu-se por uma fidelidade austera e exigente. Passava longas horas em adoração diante do SS. Sacramento, e todos os dias visitava a Gruta da Natiivdade.

P. Paulo Bonne

* St. Marcellin (Isère, França) 13-5-1920, † Lyon (França) 3-2-1976 com 55 anos, 28 de profissão, 22 de sacerdócio.

Era um Irmão rico de talentos humanos — arte, literatura, música — dinâmico, empreendedor e de uma dedicação total à sua missão educativa. Trabalhador incansável, doava-se sem se preocupar com a

saúde, que bem depressa se enfraqueceu. Por vinte anos trabalhou com os jovens do Patronato; foi capelão num colégio das Filhas de Maria Auxiliadora, e por nove anos na nossa escola técnica de Marselha.

P. Francisco Carpenè

* Revine Lago (Treviso, Itália) 26-4-1887, † Pordenone (Itália) 10-12-1975 com 88 anos, 69 de profissão, 62 de sacerdócio. Foi diretor por 16 anos.

Pode com justiça inscrever-se na série dos nossos “patriarcas”. Foi dos primeiros missionários na Índia, no primeiro centro missionário de Tanjore. E quando, na pátria, melhorou de saúde, trabalhou na implantação das Obras Salesianas de Tolmezzo e Belluno-Sperti; foi depois o terceiro diretor do “Don Bosco” de Pordenone. Salesiano de alma jovem e sadia, soube caminhar sempre com Dom Bosco, e ao mesmo tempo compreendeu e saudou com simpatia os tempos novos. Procurava com entusiasmo a presença de Deus nos céus dos picos alpinos, e perscrutava com amor o rosto de Cristo na Síndone, que estudou com atenção e fez largamente conhecida.

Coad. Mauro Colunga

* Santo Domingo (Charcas, México) 22-9-1933, † México, 19-3-1975 com 41 anos, 21 de profissão.

“O Senhor chamou-o a si no início apenas da plena maturidade... Bom religioso, exemplar na observância dos votos... Bom salesiano, que nos falava sempre de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco... Bom colaborador que no campo da imprensa tão bons serviços prestou à Congregação... Um dos poucos que se dedicaram seriamente ao nosso Movimento dos Ex-alunos, tão rico de possibilidades mas tão necessitado de promoção e ajuda por parte da Congregação...” (do discurso fúnebre do Presidente da Confederação dos Ex-alunos).

P. Francisco Convertini

* Locorotondo (Bari, Itália) 29-8-1898, † Krishnagar (Índia) 11-2-1976 com 77 anos, 47 de profissão, 41 de sacerdócio.

Desenvolveu sua missão sacerdotal, salesiana e missionária na Índia, como vice-pároco em Bhorbora e como confessor na catedral e em diversos institutos religiosos de Krishnagar. Seu zelo não conhecia

limites. No tempo livre multiplicava os contatos com os amigos hindus e muçulmanos da cidade. Não escreveu grossos volumes, nem construiu grandes igrejas, mas deu ao povo o melhor presente possível: bondade e afeto. Em todas as famílias, sem distinção de religião, casta ou nível social, era sempre bem-vindo. Um dos muitos ataques cardíacos foi-lhe fatal. Suas últimas palavras, dirigidas a Nossa Senhora, foram: “Mãe, não te dei nenhum desgosto em vida. Ajuda-me agora!”.

P. Pedro Cosentino

* Esmirna (Turquia) 29-8-1918, † Cairo (Egito) 2-11-1975 com 57 anos, 38 de profissão, 27 de sacerdócio.

O conhecimento das línguas, e sobretudo os acentuados dotes de inteligência e coração, tornaram-no educador competente e amado. A partir de 1955 dedicou-se à promoção humana e social entre os italianos que ficaram desocupados quando as forças armadas britânicas abandonaram a zona do Canal de Suez. Alternando a princípio esse trabalho com a responsabilidade da disciplina no liceu italiano do Cairo, depois em tempo integral, dedicou-se a arranjar trabalho para milhares de pessoas desocupadas. Não eram contatos de burocrata os seus, mas de homem, de irmão, de sacerdote. Sabia ser delicado e respeitoso, não oferecia esmola mas serviço, com humildade, delicadeza, tato. Teve dificuldades que enfrentou com coragem e fortaleza, certo de desenvolver uma ação altamente cristã e social, como sinal vivo e claro testemunho da caridade de Cristo.

Coad. Martinho Czajkowski

* Corpus (Misiones, Argentina) 4-9-1930, † Rosário (Argentina) 17-8-1975 com 44 anos, 23 de profissão.

“Deixou-nos um irmão de grande eficiência no trabalho, atento e delicado no serviço do próximo, e sempre disponível. Foi zeloso da Casa do Senhor, a ele confiada, como em todas as atividades que nela se desenvolviam (Do Boletim Informativo de Rosário, julho de 1975).

P. Mário Dal Pos

* Conegliano (Treviso, Itália) 9-9-1922, † Cochabamba (Bolívia) 22-12-1975 com 53 anos, 35 de profissão, 25 de sacerdócio.

Muito moço ainda, foi do aspirantado de Penango para o Continente Americano, deu-se com todo o coração ao serviço das almas dos

jovens que lhe foram confiados. Desde a ordenação sacerdotal trabalhou como Conselheiro em La Paz e em Montero Santa Cruz, e demonstrou sempre grande amor e compreensão com os alunos. Sua serenidade e constância em exigir a disciplina, e seus dotes musicais, sabiam criar o ambiente próprio para o trabalho educativo em toda a comunidade salesiana. Presentiu a morte e aceitou-a com plena consciência, oferecendo a vida ao Senhor nas mãos da Virgem Santíssima, para com a qual nutria amor filial.

Coad. Felipe D'Anna

* Burgio (Agrigento, Itália) 10-6-1884, † S. Gregório (Catania, Itália) 29-1-1976 com 81 anos, 47 de profissão.

Fez-se salesiano aos quarenta anos completos após haver passado a juventude na simplicidade da vida dos campos e no pastoreio, mas conservando sempre no coração o desejo vivo da vida religiosa. Na Congregação adaptou-se aos trabalhos práticos e úteis das nossas casas: em S. Gregorio cuidou da chácara por 15 anos, em outras casas foi sacristão e roupeiro. Voltando nos últimos anos a S. Gregório, deu aos irmãos o exemplo de profunda piedade, especialmente mariana, e de total aceitação da dor.

P. Carlos De Freyn

* Arlon (Luxemburg, Bélgica) 14-11-1921, † Liège (Bélgica) 30-8-1975 com 53 anos, 35 de profissão, 26 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Dera-lhe o Senhor grandes dotes de mente e coração, que ele pusera a serviço dos jovens, dos ex-alunos, dos paroquianos, dos irmãos, dos cooperadores e dos numerosos amigos. O seu espírito vigilante tornava-o sensível às inquietações da Igreja em evolução. Experimentou a alegria da amizade, como também sofreu desilusões. Verdadeiro filho de Dom Bosco, estudou e transmitiu com fidelidade a mensagem do Pai. As diversas provações físicas e a última doença, sem apagar sua vontade de serviço, puseram em evidência a profundidade da sua fé e da sua esperança.

Coad. Henrique Driller

* Busch bei Paderborn (Westfália, Alemanha) 4-3-1904, † no mesmo local, 21-2-1976 com 71 anos, 45 de profissão.

Com 26 anos, e com o officio de alfaiate, ingressou na Congregação Salesiana. Após o noviciado recebeu o diploma de professor e foi destinado a Benedikbeuern, onde trabalhou toda a vida, exceto nos anos dolorosos do serviço militar e da prisão na Rússia. Formou no seu officio e no espirito de Dom Bosco cerca de dez irmãos. Nos últimos dez anos foi sacristão na basílica e paróquia confiada aos salesianos. Um acidente (uma queda) cortou-lhe a vida, feita de serviço aos irmãos e fidelidade à vocação salesiana.

P. José Geldmacher

* Essen (Alemanha) 29-12-1899, † Bendorf (Alemanha) 12-4-1975 com 75 anos, 50 de profissão, 17 de sacerdócio.

Uma vida marcada pela responsabilidade cristã, para o bem da juventude. Desde 1932 lutou tenazmente, por 26 anos, contra a doença, e para poder retomar o estudo da teologia que havia interrompido. Finalmente em 1958, aos 58 anos, teve a consolação de ser sacerdote. Destinado logo depois a Bendorf, trabalhou aí até o fim da vida. Desempenhou os cargos de assistente, catequista, enfermeiro e sacristão. Sua dedicação e empenho deixaram lembrança indelével nos alunos, os quais, ao voltarem como ex-alunos, perguntavam sempre em primeiro lugar por ele. E ele lembrava-os sempre: nome e história.

Coad. Francisco Graneris

* Narzole (Cuneo, Itália) 5-12-1912, † Bologna (Itália) 29-1-1976 com 63 anos, 44 de profissão.

Exerceu seu trabalho de mestre — marceneiro entalhador — entre os jovens das casas de Turim-Valdocco, S. Benigno Canavese e Novara. Alguns incômodos, que (após uma operação não muito bem sucedida, durante o tempo da guerra) teve sempre que suportar, acentuaram-se em 1958. A partir de então prestou, com generosidade e sacrificio, serviço nos trabalhos de administração e secretaria das casas de Arese e Bolonha. Outras complicações sobrevindas a nova intervenção cirúrgica truncaram-lhe a vida. Morreu em plena lucidez, aceitando como bom religioso a vontade do Senhor.

Coad. João Kajzer

* Lodygowice (Polónia) 3-6-1892, † Oswiecim (Polónia) 6-1-1976 com 83 anos, 61 de profissão.

Foi por muitos anos diretor da nossa escola profissional em Oswiecim. Competente arquiteto, fez o projeto de muitas igrejas na Polónia. Em 1967 foi distinguido com a decoração "Pro Ecclesia et Pontifice". Salesiano segundo o coração de Dom Bosco, pelo seu amor aos jovens mereceu ser chamado o pai da juventude.

P. Rômulo Laita

* Santander (Espanha) 17-2-1891, † Santander, 9-5-1975, com 84 anos, 66 de profissão 57 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

"Desfrutou com plena alegria o dom do sacerdócio — a Eucaristia e o perdão dos pecados que distribuiu abundantemente no serviço das almas. Foi fidelíssimo à escola (ensinava matemática nos cursos superiores), a crescente cegueira não impediu se adaptasse aos novos programas oficiais. Homem da vida comum, alimentou-a com uma presença pontual e ativa, interessando-se por tudo o que lhe dizia respeito. Era o "vovô" da comunidade. Sua presença entre nós aproximava-nos de Dom Bosco: sentiamo-nos como protegidos por uma vida feita de coerência e fidelidade" (do Noticiário Insuperiorial de Bilbao).

P. José Mancardi

* Farigliano (Cúneo, Itália) 27-11-1913, † Sampierdarena (Génova, Itália) 28-3-1975 com 61 anos, 43 de profissão, 35 de sacerdócio. Foi diretor por 16 anos.

A morte colheu-o improvisamente na estrada, enquanto perguntava a um guarda qual o modo mais rápido para chegar ao Consulado do Chile: queria renovar o passaporte, para voltar à sua segunda pátria. Lá trabalhara por mais de quarenta anos, com coração de sacerdote grande e generoso, e com espírito salesiano. Na escola, amada e vivida, fora fecundo educador de Jovens, até os últimos dias, com inexaurível dedicação.

P. José Moser

* Nürnberg (Alemanha) 20-6-1909, † Múnique (Alemanha) 12-1-1976 com 66 anos, 46 de profissão, 37 de sacerdócio.

Foi mandado durante o noviciado às missões da América do Sul. Após a profissão, o P. Ricaldone destinou-o à Colômbia, onde terminados os estudos dedicou-se ao apostolado, fazendo render seus dotes relativos à música e ao esporte. Em 1957 voltou à pátria, e dedicou-se ainda às mesmas atividades, sobretudo na casa *Salesianum* de Múnique. Nessa casa foi que seu coração, que tanto amara os jovens, improvavelmente parou.

P. João Nobile

* Montescaglioso (Potenza, Itália) 27-11-1873, † Vibo Valentia (Itália) 13-1-1976 com 102 anos, 69 de profissão, 63 de sacerdócio.

De família camponesa, entrou após o serviço militar nos Beneditinos de Veneza, mas a conselho dos mesmos transferiu-se como vocação adulta para Ivrea. Encontrou a amizade confortadora do P. Rua, ao qual sentiu-se preso para sempre, e do qual com grande alegria pôde festejar, aos 99 anos, a beatificação. Exerceu diversas atividades em vários institutos, e depois por 46 anos em Vibo Valentia, onde silenciosa e incansavelmente se fez apreciar por milhares de penitentes e doentes que reclamavam sua assistência. Foi o amigo dos presos e o "pai-irmão" de algumas gerações de jovens que passaram pelo Oratório. Com seus 102 anos, era o mais velho dos salesianos.

P. Jacopo Nuti

* Turim (Itália) 29-10-1916 † Turim, 5-2-1976, com 59 anos, 39 de profissão, 30 de sacerdócio.

Preocupado com o bem espiritual e material de seus meninos, multiplicava as iniciativas que pudessem fazer amar o Oratório. Nos últimos vinte anos foi vice-pároco na Paróquia S. Domingos Sávio em Turim, e demonstrou-se incansável no trabalho paroquial e na animação das funções sagradas. Nunca dizia não. Não reservou um dia sequer para descansar. As muitas famílias por ele beneficiadas, choraram em seus funerais lágrimas de gratidão.

P. José Ozóg

* Niemadowka (Polónia) 29-1-1898, † Wroclaw (Polónia) 3-10-1975 com 77 anos, 60 de profissão, 51 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Dedicou-se com todas as forças ao serviço das almas, especialmente dos jovens, como assistente e mestre nas escolas profissionais e como ecônomo em várias casas. Durante a guerra teve que sofrer os efeitos da perseguição. Ocupou ao depois os cargos de pároco e confessor apreciado em diversas casas, com abnegação de sua parte e proveito das almas.

Coad. Benito Pando

* Basauri (Vizcaya, Espanha) 20-10-1939, † Rentaria (Guipúzcoa, Espanha) 9-1-1976 com 36 anos, 16 de profissão.

De caráter amável, poucas palavras e muito dedicado ao estudo, exerceu sua missão educativa como Mestre de Mecânica e Chefe de oficina. No último ano era também Gerente. Com sua delicadeza, trato acolhedor, humildade, amor ao trabalho e total dedicação, conquistou a simpatia de todos. Quando o seu Diretor lhe comunicou a iminência do fim, após um momento de natural comoção, declarou: "Já o supunha, estou preparado".

P. Eduardo Pavanetti

* Montevideu (Urugual) 23-4-1916, † Montevideu, 20-10-1975 com 59 anos, 42 de profissão, 34 de sacerdócio. Foi diretor por 26 anos e por 3 inspetor.

Foi diretor de colégios e seminários, pároco e inspetor. Distinguiu-se como escritor, conferencista, conselheiro prudente e diretor espiritual, e consultor de várias congregações religiosas sobre o ajornamento do pós-concílio. Foi o fundador do Instituto de Filosofia, Ciência e Letras de Montevideu. Seus livros, de argumento sobretudo pedagógico, difundiram-se pela América e pela Europa. Após uma vida cheia e fecunda, deixou aos irmãos a bela lição dos últimos dias, aceitando a morte livremente como ato supremo de amor a Deus, nosso Pai.

Coad. Angelo Perotto

* S. Ambrogio (Turim, Itália) 2-8-1884, † Chiari (Brescia, Itália) 29-11-1975 com 91 anos, 40 de profissão.

Entrou na Congregação já idoso, mostrando-se homem de profunda piedade e laboriosidade, e sobretudo de entranhada devoção a

Nossa Senhora. Sua expressão preferida nas provas e dificuldades era sempre: “Fazer a vontade de Deus”. Nos últimos anos, impossibilitado para o trabalho por várias doenças, tornou-se uma “oração viva”. O rosário confortou-o: recomendava-o a todos como penhor de salvação

P. Mário Pezzale

* Palestro (Pavia, Itália) 8-2-1923, † Vercelli (Itália) 5-11-1975 com 52 anos, 36 de profissão, 25 de sacerdócio.

“Durante os doze anos da sua doença deu-nos uma grande lição, subindo — dia após dia seu doloroso calvário, e convidando-nos a nós, que o conhecíamos e vivíamos com ele, ao aprofundamento e compreensão do problema da dor. Ainda que experimentando em si todo o gravíssimo peso e esmagamento, o P. Mário, iluminado e amparado pela fé, ensinou-nos a suportar o mal sem jamais se revoltar: como ele o fez, com viril, antes, com cristã e religiosa fortaleza. Conhecia de fato, pelas palavras de Jesus, qual o significado e valor do sofrimento para sua própria salvação e para salvação do mundo” (Da homilia exequial).

P. Agostinho Piechura

* Królewska Huta (Polônia) 14-8-1888, † Przemysl (Polônia) 14-11-1975 com 87 anos, 66 de profissão, 57 de sacerdócio. Foi diretor por 8 anos.

Adoeceu de tuberculose durante o noviciado, mas curou-se após receber a bênção do bem-aventurado P. Rua. Dedicou sua vida sacerdotal aos jovens como professor e de educador exemplar, na escola para organista em Przemysl e no estudantado filosófico e teológico em Cracóvia. Como diretor e pároco pôs a serviço de todos seus dotes de paterna caridade, e a fortaleza na perseguição sofrida durante a guerra. Foi um verdadeiro salesiano de antiga marca, podendo-se definir “a regra viva”. A afetuosa estima que o envolvia manifestou-se na multidão de Irmãos, Irmãs, fiéis, que juntamente com as autoridades eclesiásticas prestaram-lhe as derradeiras homenagens.

Coad. Roberto Pollice

* Limosano (Campobasso, Itália) 18-10-1914, † Sangradouro (Mato Grosso) 31-12-1975 aos 61 anos e 40 de prof.

Havia 40 anos que trabalhava nas missões, distinguindo-se por um grande amor ao trabalho e ao sacrifício. Doou-se por inteiro ao bem

da missão e dos índios, prestando-lhes prazerosamente seus serviços. Amava a Congregação, mas não via com bons olhos certas novidades que muitas vezes lastimava. Fiel ao mote “Trabalho e temperança” não sabia dizer não quando lhe solicitavam algum serviço.

Coad. José Pons

* Pinerolo (Turim, Itália) 30-11-1896, † San Ambrosio (Córdoba, Argentina) 22-7-1975 com 78 anos, 40 de profissão.

Exemplo de profunda humildade, encontrou na oração assídua a força necessária para um trabalho exemplar na linha austera de fidelidade às regras e tradições salesianas. Conquistou o amor dos Irmãos e a admiração de quantos o conheceram, pela simplicidade de vida e espírito de sacrifício, sobretudo na vida de pobreza.

P. Renato Raumer

* Magré Vicentino (Vicenza, Itália) 30-12-1920, † Schio (Vicenza, Itália) 18-12-1975 com 55 anos, 38 de profissão, 29 de sacerdócio.

Entrou muito jovem na Congregação Salesiana, e partiu para as Missões da América. De natureza otimista, generoso e audaz, dedicou-se ao apostolado nas paróquias, nos colégios, entre os conacionais emigrados. Passava as férias trabalhando no leprosário de Agua de Dios. Voltando à Itália por motivos de saúde, não conhecia descanso. Laureou-se em Milão em Línguas e Literatura estrangeiras, e ensinou nos nossos institutos, particularmente em Verona. Em tempos de dura contestação estudantil soube fazer-se estimar e seguir pela sua bondade e serenidade de seu magistério.

P. José Resen

* Gorizia (Itália) 4-9-1899, † Novara (Itália) 21-12-1975 com 76 anos, 56 de profissão, 47 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

“Personalidade franca, simples, intensa. Fé operosa, maneiras reservadas, caridade na amizade. Fez da escola uma segunda vocação; e a ela se aplicava com seriedade, fundada em princípios que exaltam a comunhão com Deus sempre presente, entre nós, como próximo. Assim o P. José durante o transcurso dos seus 76 anos de vida em várias casas, e nos últimos 45 anos no San Lorenzo de Novara; estações todas de um itinerário marcado também — e como poderia deixar de ser? —

por algumas amarguras, mas ao mesmo tempo iluminado por profundas consolações, porque percorrido inteiramente na caridade do Senhor e na doação aos jovens" (da Homilia exequial).

P. André Rodríguez

* León (Guanajuato, México) 30-11-1922, † Guadalajara (México) 28-9-1975 com 52 anos, 31 de profissão, 21 de sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Em todos os trabalhos exercidos em nossas casas deu o melhor das suas energias, a serviço da Igreja e dos Irmãos. Homem de espírito fino, tinha agudo senso de humor. Era de poucas palavras e muitos fatos. Trabalhador metuculoso e de santidade fácil e prática, teve uma viril capacidade de suportar. E por 18 anos a doença provou-o heroicamente. De grande vida interior, amou a Deus intensamente, silenciosamente, fielmente, até o fim.

P. Olegário Salán

* Ventosa de Pisuerga (Palencia, Espanha) 2-2-1918, † Zamora (Espanha) 10-1-1976 com 57 anos, 35 de profissão, 29 de sacerdócio. Foi diretor por 5 anos.

Nutriu grande amor à Congregação e aos jovens, aos quais dedicou seu trabalho incansável, com alegria e afeto verdadeiro. Era apreciado pela sua inexaurível disponibilidade a serviço de todos. Exerceu com eficiência o apostolado do magistério e do confessional, despertando numerosas vocações salesianas. Viveu um contínuo superar-se, e em constante ascensão espiritual.

P. José Sávio

* Crespano del Grappa (Treviso, Itália) 20-4-1912, † nessa cidade, 24-1-1976 com 63 anos, 44 de profissão, 35 de sacerdócio.

Deu o melhor de sua cultura humanista e da sua profunda convicção religiosa em 33 anos de magistério e pontualíssimo serviço sacerdotal em Veneza, Mogliano, Tolmezzo, Este, Verona, e desde 1957 ininterruptamente em Pordenone. Na escola viveu o empenho e seriedade educativa no respeito das finalidades que Dom Bosco propôs para a formação dos jovens para o bem e para a vida. No ministério sacerdotal, vivido sem fraqueza e lamúrias — embora muitas vezes no silêncio —, convencido como estava de que a graça de Deus é "forte

e confortadora” (Flp 4, 13) para quem quer fazer de sua vida um serviço de graça cristã.

P. João Soddu

* Benetutti (Sassari, Itália) 8-2-1897, † Lanusei (Nuoro, Itália) 9-1-1976 com 78 anos, 30 de profissão, 26 de sacerdócio.

Entrou já adulto na Congregação com a láurea em engenharia, que conseguiu na Escola Politécnica de Turim, e inseriu-se de cheio na vida salesiana, dedicando-se ao magistério e ao ministério das confissões. Simplicidade de vida, obediência incondicionada e genuína pobreza salesiana foram as linhas mestras da sua vida, enriquecida, nos últimos anos, por uma doença que ele soube aceitar e suportar com exemplar e eficiente serenidade.

P. Henrique Talamo

* Bronte (Catania, Itália) 11-2-1884, † Messina (Itália) 25-2-1976, com 92 anos, 71 de profissão, 68 de sacerdócio.

Foi um dos primeiros aspirantes salesianos da Sicília, em 1900. Caráter ardente, sereno, de notável inteligência, mas de saúde precária. Distinguiu-se logo no estudo das línguas clássicas. Foi em diversas casas competente e apreciado professor de letras, especialmente de latim e grego. Aos sessenta anos teve que deixar o magistério, pois a saúde era bastante precária.

P. Carlos van Lommel

* Arendonck (Antuérpia, Bélgica) 6-12-1912, † Bruxelas (Bélgica) 21-1-1975 com 62 anos, 44 de profissão, 36 de sacerdócio, diretor por 9 anos.

Sentiu-se atraído à Congregação Salesiana porque trazia no coração a um tempo o desejo de dedicar-se à educação da juventude, e o ideal missionário. A sua felicidade foi de poder viver como sacerdote salesiano em país de missão, no meio dos jovens, toda a vida. Tinha um caráter jovial e dinâmico. Pelos seus belos dotes intelectuais e como bom organizador, foi escolhido para iniciar a obra de Dom Bosco em Rwanda. Muitos choraram sua partida, porque por toda a parte — na aula, nos pátios em qualquer situação — havia sabido contrair sólidas amizades.

1.º elenco — 1976

1. P. AFFANNI João † em Caracas (Venezuela) 1976 aos 73 anos.
2. P. ALESSANDRINI Armando † em Roma (Itália) 1975 aos 69 anos.
3. P. ALGERI Luís † em Darfo (Brescia-Itália) 1975 aos 84 anos.
4. P. ANZUINI José † em Ancona (Itália) 1976 aos 66 anos.
5. P. BIONDI Libero † Belém (Israel) 1975 aos 92 anos.
6. P. BONNE Paulo † em Lyon (França) 1976 aos 55 anos.
7. P. CARPENE Francisco † em Pordenone (Itália) 1975 aos 88 anos.
8. Coad. COLUNGA Mauro † em México 1975 aos 41 anos.
9. P. CONVERTINI Francisco † em Krishnagar (Índia) 1976 aos 77 anos.
10. P. COSENTINO Pedro † no Cairo (Egito) 1975 aos 57 anos.
11. Coad. CJAJKOWSKI Martinho † Rosário (Argentina) 1975 aos 44 anos.
12. P. DAL POS Mario † Cochabamba (Bolívia) 1975 aos 53 anos.
13. Coad. D'ANNA Felipe † em San Gregorio (Catania-Itália) 1976 aos 91 anos.
14. P. DE FREYN Carlos † em Liège (Bélgica) 1975 aos 53 anos.
15. Coad. DRILLER Henrique † em Busch bei Paderbon (Alemanha) 1976 aos 71 anos.
16. P. GELDMACHER José † em Bendorf (Alemanha) 1975 aos 75 anos.
17. Coad. GRANERIS Francisco † em Bolonha (Itália) 1976 aos 63 anos.
18. Coad. KAJZER João † em Oswiecim (Polónia) 1976 aos 83 anos.
19. P. LAITA Rômulo † em Santander (Espanha) 1975 aos 84 anos.
20. P. MANCARDI José † em Sampierdarena (Génova-Itália) 1975 aos 61 anos.

21. P. MOSER José † em Múique (Alemanha) 1976 aos 66 anos.
22. P. NOBILE João † em Vibo Valentia (Itália) 1976 aos 102 anos.
23. P. NUTI Jacopo † em Turim (Itália) 1976 aos 59 anos.
24. P. OZOG José † em Wroclaw (Polónia) 1975 aos 77 anos.
25. Coad. PANDO Benito † em Rentería, Guipúzcoa (Espanha) 1976 aos 36 anos.
26. P. PAVANETTI Eduardo † em Montevidéu (Uruguai) 1975 aos 59 anos.
27. Coad. PEROTTO Ângelo † em Chiari (Brescia-Itália) 1975 aos 91 anos.
28. P. PEZZALE Mario † em Vercelli (Itália) 1975 aos 52 anos.
29. P. PIECHURA Agostinho † em Przemysl (Polónia) 1975 aos 87 anos.
30. Coad. PONS José † em San Ambrosio, Córdoba (Argentina) 1975 aos 78 anos.
31. P. RAUMER Renato † em Schio, Vicenza (Itália) 1975 aos 55 anos.
32. P. RESEN José † em Nova (Itália) 1975 aos 76 anos.
33. P. RODRIGUEZ Andrea † em Guadalajara (México) 1975 aos 52 anos.
34. P. SALAN Olegário † em Zamora (Espanha) 1976 aos 57 anos.
35. P. SAVIO José † em Crespano del Grappa, Treviso (Itália) 1976 aos 63 anos.
36. P. SODDU João † em Lanusei, Nuoro (Itália) 1976 aos 78 anos.
37. P. TALAMO Henrique † em Messina (Itália) 1976 aos 92 anos.
38. P. VAN LAMMEL Carlos † em Bruxelas (Bélgica) 1975 aos 62 anos.

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO